

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 104

R\$ 2,50

JULHO 2002

MARIA

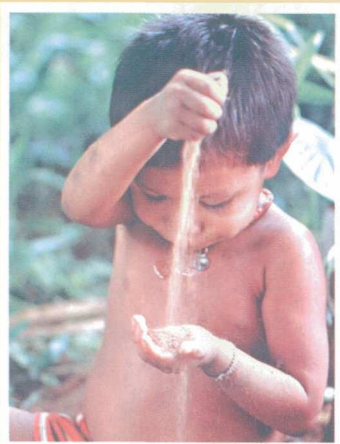


**Brasileiros
no
quem é sem**

**Economia
e
cidadania**

**Integração
dos
diferentes**

Qualidade de vida

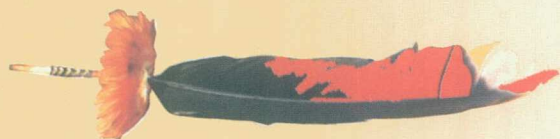


Missa da Terra-sem-Males

(Continuação)

Verdade é que a última palavra ainda está por dizer:

*“América Ameríndia,
ainda na Paixão:
um dia tua Morte
terá Ressurreição!”*



Esta Missa já escandalizou a alguns.
E não apenas à TFP, (Tradição, Família e Propriedade)
que a tachou de “sacrílega” e “blasfema”.



Imagino que escandalizará também a
alguns dos meus nostálgicos patrícios.
Foi cantada tão belamente a epopéia hispânica da
Descoberta da América! (“Llevaban la Espiga y la Rosa/
y los Mandamientos y el Ave María...”).

O etnocentrismo e o lucro capitalista – e todo tipo de
egoísmo pessoal, étnico ou econômico –
impedem entender e assumir não apenas esta Missa,
mas toda Missa. Porque toda Missa verdadeira
escandaliza necessariamente.
A Missa é sempre uma ruptura,
um Sacrifício, uma
Passagem libertadora da Morte para a Vida:
PÁSCOA.



(Continua no próximo número)

D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, MT.

(Lema da Campanha da Fraternidade / 2002 : “Por uma terra sem males” e o tema: “Fraternidade e os Povos Indígenas”).



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy;

Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Antônia Portero Simon;

Avelino S. de Godoy.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3823-1060 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 25,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Fax: 3826.7016

Ave Maria na internet:

www.avemariainternet.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@avemariainternet.com.br

assinaturas@avemariainternet.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin, RS; Alice Ferreira Reis, SP; Sérgio Pierozan, SP e GO; Benedito Carlos Câmara, SP; Jesus Macedo, SP; Mauro Donizeti Câmara, SP; Dideró Ribeiro, Marília, SP; Benedito Vaz Neto, MG; Edson Nunes de Moraes, MG; Gilmar Diniz Silva, MG; Pe. Pedro Jordá, Palmira Farias, Cordeirópolis, SP; Luzia Brancatti Stephaneli, Piracicaba, SP; Andréia Maria Ferreira Reis, Rio Claro, SP.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.claretianos.com.br

www.avemariainternet.com.br

Lei 9840

Quando os políticos governam sem eficiência necessária e sem honestidade, as primeiras conseqüências são a fome e a miséria em crescimento. E a realidade dessas carências já são alarmantes. Até a FAO (veja "Fome no mundo" p. 4) alerta o mundo sobre essa grande emergência e convoca todas as nações para lutar contra a fome. Também o Papa, em nome da Igreja, solidariza-se com essa causa.

Mas como saber se um político é ou vai ser honesto? Veja como tudo começa: "...olha aqui, meu amigo, se votar nesse candidato, você ganha esse sapato. Se ele for eleito, pode vir buscar o outro pé para completar o par". Assim, o "cabo eleitoral" dá o "santinho do candidato", vai cativando e angariando votos. Centenas de propostas similares, desde dentaduras até terrenos, são feitas na sofreguidão pelo poder. O que eles querem é vencer nas urnas, não importa a maneira. E assim, explorando as carências da gente simples e desavisada, muitos políticos inescrupulosos se elegem e reelegem, procurando manter seus privilégios, a qualquer preço, sem dar atenção necessária e assistência às populações pobres e enganadas por discursos eleitoreiros.

Mas, agora, a história pode ser diferente. No Código Eleitoral, artigo 299, a compra de voto é crime e a Lei nº 9840/99 esclarece quem é o infrator e quais as punições. Ela é, desde já, seu instrumento de cidadania.

O melhor exercício de cidadania se faz com o voto livre e consciente, isto é, sabendo quem é o candidato, se seu projeto e programa de governo atendem às necessidades básicas do povo e, se já foi eleito, procurar saber se cumpriu o que prometeu anteriormente. Vale a pena ler com atenção o artigo "Voto não tem preço" (p. 11). E, também, "Igreja e Política" (p. 16), de José Geraldo Vidigal de Carvalho.

Os políticos que os brasileiros vão eleger devem ser homens honestos, cujas políticas de desenvolvimento tenham como objetivo prioritário o aumento significativo da integração social. Que comprovem com ações o real progresso de mais e mais brasileiros, diariamente, mais integrados no mundo do trabalho e usufruindo do direito do bem-estar social. E, de outro lado, menos indivíduos passando fome e necessidades. O artigo de Frei Betto, "Economia e Cidadania" (p. 8), aponta para a exigência do senso de justiça e para o princípio bíblico de que somos imagens de Deus, todos com igual dignidade e idênticos deveres e direitos.

Não venda seu voto, ele é o seu grande gesto político e democrático contra a fome, a miséria, a exclusão e o desequilíbrio social. A Lei 9840/99 do Código Eleitoral moraliza mais as eleições e existe para que tenhamos mais políticos decentes, desde as campanhas eleitorais, comprometidos com a dignidade de todos. Denunciar a corrupção é um ato de cidadania.

Assim como nós olhamos para rostos com fome ou tristes na miséria, também Jesus olhou. E, provocando os sentimentos de co-responsabilidade dos discípulos, disse-lhes: *Dai-lhes vós mesmos de comer* (Lc 9,13). Eleições justas e limpas alimentam a coragem de lutar por um país melhor, com mais emprego, moradia e pão.

P.C.G.

Crianças de rua



Brasília, DF, 10/5. Cerca de 800 meninos e meninas de rua concentraram-se no Parque da Cidade, em encontro nacional que se encerrou no dia 9/6, sob a organização do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, composto por 5 mil jovens de todos os Estados do país. A meta principal do evento foi defender os direitos da criança em exclusão, contra o não-cumprimento das metas do Estatuto da Criança e do Adolescente.

O lema principal foi a luta para que não seja aprovada a redução da idade da emancipação, para efeitos penais, de 18 para 16 anos. Os organizadores do evento alegam que os países que alteraram suas leis nesse sentido acabaram voltando atrás, pois não houve redução da incidência de delitos.

Outra queixa é de que instituições semelhantes ao Centro de Atendimento Juvenil Especializado, Cajé, parecem presídios, não exercendo a função sócio-educativa em favor do menor infrator.

O movimento luta pela redução da exclusão infantil através da educação, pois considera que a existência de crianças na rua se deve a problemas conjunturais.

Fome no mundo

Roma, Itália, 13,6. Chefes de Estado e de Governo, quatro mil delegados de 182 países, 200 parlamentares de todo o mundo, e representantes de quinze agências da ONU: esses são apenas alguns dos números da Cúpula Mundial da Alimentação, realizada pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, dirigida pelo senegalês Jacques Diouf), de 11 a 13/6, para lutar contra a fome, a verdadeira grande emergência deste século.

As declarações de intenções que inauguraram a Cúpula da FAO não deixaram margens a dúvidas, no que tange aos objetivos: encarar de maneira concreta o importante objetivo de erradicar a fome no mundo. Essa foi a vontade claramente manifestada por todos os participantes: levar a cabo o ambicioso objetivo prefixado, de reduzir à metade, os famintos do mundo, até o ano 2015. Em 1996, de fato, os representantes dos 183 países-membros da FAO comprometeram-se a reduzir em 50%, o número de pessoas desnutridas no mundo (de 800 milhões para 400 milhões, até 2015).

Na sessão inaugural foi lida pelo cardeal Secretário de Estado, Angelo Sodano, a mensagem de João Paulo II.

“A Santa Sé — disse o Pontífice em sua mensagem —, espera muito dessa Conferência e aprova tudo aquilo que possa ser realizado em nome do progresso espiritual e material da humanidade”.

A seguir, o Papa fez uma análise do fenômeno fome-desnutrição: que mata, a cada ano, 24 mil pessoas, isto é, uma a cada 4 segundos! Essa praga não está relacionada a uma área particular do mundo, mas representa uma emergência devido unicamente à inércia e ao egoísmo do homem.

João Paulo II fez votos de que o que não foi feito na Conferência precedente, de 1996, transforme-se numa concreta tomada de posição dos países industrializados que, fornecendo ajudas, tecnologia, desenvolvimento, possam fazer algo de decisivo para aumentar a produção e a distribuição da alimentação: em resumo, alcançar o que se chama “segurança alimentar”.

Aids

Nairobi, Quênia, 11/6. Mais de 120 líderes de toda a África, um quarto dos quais mulheres, estiveram reunidos, nesta data, em Nairobi, para discutir o impacto da Aids na infância e o papel que podem desem-



penhar as comunidades espirituais na luta contra a enfermidade. “Às vezes, nós, líderes religiosos não temos respeito suficiente pela Aids. O nosso silêncio e a negação da realidade contribuíram para aumentar o mal e a exclusão das pessoas atingidas pela doença”, reconheceu o xeique Rwaib Mujuye, do Conselho Supremo Muçulmano Ugandês.

Por seu turno, a diretora-executiva da Unicef, Carol Bellamy, afirmou que “o objetivo dos grupos religiosos é crucial para prevenir o contágio do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), causador da enfermidade entre os jovens e também relativamente aos cuidados com as crianças contaminadas pela Aids”.

Mais de 85% da população na África Sub-Saariana é praticante de alguma instituição ou fé religiosa, segundo a Iniciativa Esperança para as Crianças Africanas, organizadora do encontro. Segundo números divulgados neste encontro, 95% dos 13 milhões de crianças órfãs devido à Aids, vive na África Sub-



Saariana. Estiveram presentes à reunião o patriarca da Igreja Copta etíope, Abune Paulos e o arcebispo anglicano de Campala, Emmanuel Wamala, signatários de um plano de ação conjunta.

Argentina

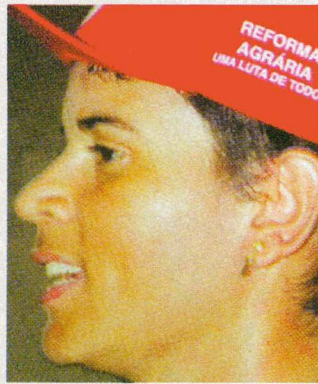
Buenos Aires, Argentina, 14/6. Um relatório do Coletivo de ONGs (Organizações Não-Governamentais) sobre a Infância e a Adolescência mostra que 58,6% das crianças e adolescentes argentinos vivem em condições de pobreza. A pesquisa, foi apresentada ao Comitê de Especialistas em Direitos da Criança da ONU (Organização das Nações Unidas), em Genebra, denuncia “a grave situação pela qual passam meninos e meninas”.

O relatório afirma que a questão se agrava quando considerado “o abandono quase total do Estado” na solução de problemas públicos. “Não existem estudos governamentais que contabilizem a magnitude da situação social da infância na Argentina e as medidas que o Estado deveria tomar”, diz o relatório. O documento afirma ainda que os programas governamentais cobrem apenas as necessidades imediatas da população.

O coletivo de ONGs acredita que a situação de pobreza em que vivem essas crianças e adolescentes tem impactos diretos sobre seu acesso à educação e ao sistema preventivo de saúde.

A Argentina entrou no 48º mês de recessão, com uma taxa de desemprego que abrange 25% da população economicamente ativa. Metade dos 36 milhões de habitantes vivem na pobreza.

Reforma agrária



Brasília, DF, 13/6. Representantes do Fórum Nacional da Reforma Agrária e Justiça no Campo, incluindo a Cáritas Brasileira, reuniram-se na Capital Federal.

Seu objetivo foi fazer um balanço de como estão as mobilizações e articulações da Campanha pelo Limite de Propriedade de Terra no Brasil, e nos Estados.

“Estamos nos preparando para que até abril de 2003, coletemos o máximo de assinaturas para aprovação do projeto de lei que limita a propriedade de terra no Brasil. Queremos entregar as assinaturas ao novo Congresso eleito em 2002 e ao futuro presidente da República”, explicou o coordenador nacional da CPT, Comissão Pastoral da Terra, Isidoro Revers.

A IGREJA NO MUNDO	4
Notícias	
PALAVRA DO PAPA	6
Jovens e comunicação de massa	
CAMPANHA DA FRATERNIDADE	7
Por uma Terra sem males <i>Fraternidade e os povos indígenas</i>	
FÉ E CIDADANIA	8
Economia e cidadania <i>Frei Betto</i>	
Desconhecidos, mas felizes <i>Pe. Zezinho</i>	9
Qualidade de vida <i>J. B. Libânio</i>	10
Voto não tem preço	11
Brasileiros no Quem é Sem <i>Francisco Gomes de Matos</i>	12
Integração dos diferentes <i>Francesca Carbonell I Paris</i>	14
Igreja e política <i>José Geraldo Vidigal de Carvalho</i>	16
Doutores da Lei <i>Elias Leite</i>	18
REFLEXÃO BÍBLICA	19
Maria na Bíblia <i>Geraldo Araújo de Lima</i>	
MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR	20
Nossa Senhora das Dores <i>Roque Vicente Beraldi</i>	
SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ	21
Isabel de Portugal e Tomé <i>Ronaldo Mazula</i>	
HISTÓRIA DA IGREJA	23
Século XXI, desafio para a Igreja (continuação) <i>Ronaldo Mazula</i>	
MEU LAR	24
Diálogos internos: com quem conversamos? (Continuação.) <i>Wimer Botura Jr.</i>	
CULINÁRIA	25
<i>Yvonne Barros Oliveira</i>	
PARA REZAR BEM OS SALMOS	26
Lamentação por Jerusalém e seu Templo <i>José Fonzar</i>	
LITURGIA DA PALAVRA	28
De 1º de setembro à 22 de setembro <i>Adelino Dias Coelho</i>	
TURMA DA MAÍRA	33
<i>Tina Glória</i>	

Jovens e comunicação de massa

O papa João Paulo II enviou ao Dr. Emilio Rossi, Presidente da União Católica da Imprensa Italiana, na conclusão do encontro: Jovens e comunicação de massa, uma mensagem, da qual extraímos alguns trechos

Os numerosos encontros sobre o tema "jovens e comunicação de massa", realizados com várias fórmulas em muitas cidades italianas, ajudaram os operadores e os beneficiários das comunicações sociais a compreender melhor como a presença da comunicação de massa é cada vez mais incisiva na sociedade. É uma presença que apresenta novas problemáticas e interpela as famílias, os educadores, os operadores e todos os que se preocupam, de maneira especial, pelo futuro das novas gerações.

Não se pode negar que a rápida difusão da comunicação de massa ofereceu aos jovens possibilidades mais amplas de aprendizagem e de conhecimento. É justo reconhecer e valorizar estes elementos *positivos*, mesmo se começam a surgir *alguns aspectos problemáticos*, que é bom realçar.

Com frequência, a *televisão* é para os jovens o principal ponto de referência, com um valor e funções impróprias, que exercem uma influência negativa sobre o seu desenvolvimento, sobretudo quando o uso prolongado chega quase a substituir a presença dos pais. Se parece que todos estão de acordo ao defender que deve ser eliminada qual-

quer forma de exploração dos menores por parte dos meios de comunicação, contudo é necessário reconhecer que são poucos os programas a eles destinados e que correspondem às suas exigências. Por conseguinte, é urgente realizar programas que, no respeito das dinâmicas pedagógicas e dos valores éticos, tenham em consideração a sensibilidade e às exigências educativas dos jovens.

Também se deve ter em consideração que os menores seguem, sozinhos ou juntamente com os pais, a *programação ordinária*. Sem dúvida são úteis, para distinguir os diversos tipos dos programas, os meios usados, mas es-



Foto: L'Osservatore Romano

tes não devem constituir de forma alguma uma desculpa para delegar às famílias toda a responsabilidade. De fato, não é suficiente estabelecer proibições em defesa dos menores; mas é necessário propor programas midiáticos e sobretudo televisivos, que não precisem de proibições, elevando ao mesmo tempo a sua qualidade. São necessários programas que promovam o crescimento da pessoa, o sentido do bem, a capacidade de enfrentar corre-

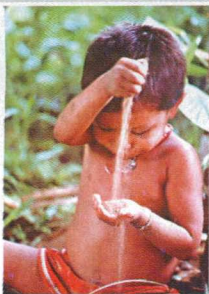
tamente, sem traumas nem distorções, até os aspectos mais difíceis da existência. Sobretudo, é urgente indicar, através da comunicação de massa valores e modelos que evidenciem as verdades fundamentais sobre o ser humano e sobre as grandes interrogações que ele faz. Entre eles, de modo particular, devem ser realçadas as verdades religiosas, capazes de dar respostas adequadas às perguntas mais profundas, que acompanham o crescimento e o desenvolvimento da pessoa.

As possibilidades e os meios, dos quais os adultos dispõem a este propósito, são enormes. Os adultos tanto são capazes de estimular o espírito das crianças para a escuta como de os adormecer e — que Deus não queira — de os intoxicar irremediavelmente. Esta é uma responsabilidade gravíssima, à qual se podem aplicar as palavras mais severas pronunciadas por Cristo, precisamente para advertir que não se escandalizem os pequeninos e os débeis (cf. Mt 18,6).

Prestar atenção aos jovens no âmbito da comunicação de massa é, por conseguinte, um dos principais paradigmas de civilização e de progresso; é uma tarefa entusiasmante para a qual todos devem contribuir de acordo com o próprio papel e competências. É uma tarefa que pertence àquela pedagogia social através da qual se podem formar as novas gerações, ajudando-as a exprimir plenamente o bem que levam no seu coração, sem nunca o deteriorar nem tornar árido.

Com o advento da nova comunicação de massa, como a *internet*, depa-ramo-nos com um "limite decisivo". Trata-se de um limite que se deve "passar corajosamente", com discernimento e, ao mesmo tempo, com empreendimento, a fim de garantir às gerações futuras um ambiente protegido de qualquer instrumentalização e abuso..."

João Paulo II



Por uma terra sem males

Fraternidade e os povos Indígenas

Nesta edição, completamos o que restou do capítulo: "Presença da Igreja Missionária entre povos indígenas", do Texto-base da Campanha da Fraternidade.

Conhecer, dialogar, anunciar

São abundantes os exemplos de trabalhos missionários que buscam estabelecer com os povos indígenas um diálogo respeitoso. Esse diálogo pressupõe a compreensão das diversas concepções do sagrado, da origem e sentido da vida humana e a valorização das formas múltiplas de ritualizar a fé e alimentar as próprias crenças. A Igreja em diálogo escuta e aprende, anuncia e testemunha.

A Igreja Católica não rejeita nada que seja verdadeiro e santo nas religiões. Considera com sincero respeito os modos de agir e viver (...). Embora em muitos pontos difiram do que ela mesma crê e propõe, não raro refletem um raio daquela Verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia e é obrigada a anunciar a Cristo, que é *caminho, verdade e vida* (Jo 1 4,6), no qual os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou em si todas as coisas (*Nostra Aetate*, 2).

Pelo diálogo inter-religioso é possível trazer à consciência humana, de forma sempre atual, a presença de Deus que se manifesta em todas as religiões. E esta atitude pressupõe o respeito profundo à diversidade cultural e religiosa.

Na Região Amazônica, há padres,

religiosos, religiosas e catequistas indígenas dos povos Macuxi, Wapixana, Tucano, Dessano, entre outros, que partem de sua identidade cultural, à luz do Evangelho, em busca do diálogo intercultural e inter-religioso, para contribuir na construção dos projetos de vida de seus povos. Pretendem, a partir de sua sabedoria indígena — língua, mitos, ritos, danças, festas —, perceber e vivenciar a presença de Deus que se

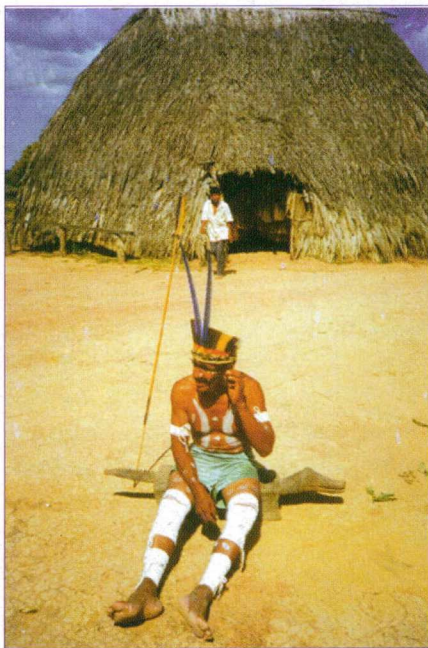


Foto: Arquivo

manifesta nesses valores e que constituem fonte de vida e esperança. Sabem, porém, que a inculturação da fé é um processo delicado e difícil. Assim, esses missionários se propõem a colaborar, a partir de sua compreensão, de sua história e de sua sabedoria, na construção de uma Igreja pluriétnica e pluricultural.

Na região sul, missionários estudam a religião Kaingang, que incorporou aos seus próprios valores a prática religiosa católica. Procuram contribuir

também com o trabalho das paróquias, divulgando informações e subsídios que auxiliam na compreensão do universo Kaingang. Incentivam e apoiam a realização do Kiki, uma cerimônia religiosa tradicional dos Kaingang, as reuniões Guarani e a formação de rezadores do próprio povo.

Na região centro-oeste, missionários estudam a cosmovisão, os mitos e rituais dos povos Bororo e Xavante, para melhor compreender a vivência da espiritualidade indígena, o sentido simbólico da terra, da natureza e da relação entre homens e mulheres com seu mundo espiritual.

A abertura para conhecer e compreender as formas de religiosidade e crença dos povos indígenas é, muito além de uma atitude de tolerância, o reconhecimento de um direito fundamental. É uma atitude profética de libertação. Numa atitude de verdadeiro diálogo, "o interlocutor deve ser coerente com as próprias tradições religiosas e disponível para compreender as do outro, sem dissimulações nem restrições, mas com verdade, humildade e lealdade, sabendo que o diálogo pode enriquecer a ambos (...). Ao diálogo abre-se um vasto campo, podendo ele assumir múltiplas formas e expressões(...) desde a comunicação das respectivas experiências espirituais, até o denominado "diálogo de vida", pelo qual os crentes das diversas religiões mutuamente testemunham na existência cotidiana os próprios valores humanos e religiosos, ajudando-se a vivê-los em ordem a edificar uma sociedade mais justa e fraterna (*Redemptoris Missio*, 57).

(Continua no próximo número).

Economia e cidadania

Frei Betto

Após a Segunda Guerra Mundial, as nações industrializadas conheceram o Estado de bem-estar social, sustentado por uma política de pleno emprego que, por sua vez, incrementou a captação de tributos capazes de expandir a seguridade social.

Aquela nova ordem econômica não permitiu, contudo, que a política de pleno emprego se estendesse às nações periféricas. Pressionadas pela postura neocolonialista dos centros financeiros, essas nações tornaram-se exportadoras de produtos e de *royalties*, sugadas em suas riquezas e recursos. Portanto, só uma pequena parcela da humanidade conquistou o direito aos "40": tra-

balhar 40 horas por semana; em pouco mais de 40 semanas por ano; ao longo de pouco menos de 40 anos de vida.

Com o advento do neoliberalismo, nos países periféricos milhões de pessoas excluídas das oportunidades de emprego ficaram impedidas de acesso aos direitos econômicos e sociais e, portanto, à cidadania. E nos países centrais o Estado de bem-estar social retraiu-se, enquanto as corporações privadas queixavam-se da redução de seus lucros.

Iniciou-se, então, o vale-tudo. Bens estatais e públicos foram saqueados pela política de privatizações. Deixou-se de proteger a esfera produtiva e favoreceu-se a especulativa, que assegura retornos mais imediatos e exige menor absorção de força de trabalho.

Na ótica keynesiana, havia estreita conexão entre emprego e direitos de cidadania. Agora, quanto maior o desemprego ou o risco de ser engolido por ele, menor o exercício da cidadania. Frente aos exorbitantes direitos das corporações transnacionais, os cidadãos deixam de ser sujeitos dotados de direitos, o peso descomunal das pessoas jurídicas esmaga os direitos da pessoa física. Salva-se apenas quem tem o privilégio de se abrigar sob a marquise de uma pessoa jurídica. Fora disso, temos uma humanidade desprovida de cidadania.

Keynes não encarava o direito à cidadania como um princípio *a priori*, como faz a doutrina social da Igreja

O fim da exclusão social não se medirá apenas pela inserção no mercado, mas também pela inserção na vida coletiva, em atividades que contribuam para promover o bem-estar social.

Católica. Para ele, a cidadania dependia da inserção da pessoa no mercado, ou seja, da possibilidade de acesso a produtos e serviços. Hoje, o acesso à cidadania é, para bilhões de pessoas, tão restrito quanto ao mercado.

Como sair do impasse? Uma alternativa pós-capitalista deverá combinar políticas de ampliação dos postos de trabalho (empregos) com políticas de valorização de trabalhos sem vínculo empregatício, como os que são realizados em casa, na comunidade, em função dos estudos, e nas atividades culturais e recreativas. Elimina-se, assim, a discriminação entre trabalho produtivo por sua forma (trabalho remunerado) e trabalho produtivo por seu conteúdo (trabalho voluntário), ambos necessários à reprodução e realização da vida humana. Supera-se, assim, a associação entre pleno emprego e cidadania.

Todos têm direito à cidadania, tenham ou não um trabalho remunerado. Ao ultrapassar o critério do vínculo empregatício, inclui-se no conceito de cidadania o tempo dedicado à coletividade, tanto de pessoas quanto de em-




Fotos: Verbo Filmes

presas. Empresa-cidadã é a que investe no benefício coletivo sem auferir lucros financeiros. Ela simplesmente paga a sua dívida social.

Nessa perspectiva, o fim da exclusão social não se medirá apenas pela inserção no mercado, mas também pela inserção na vida coletiva, em atividades que contribuam para promover o bem-estar social. Cidadania passará a ser sinônimo, não do *status* conferido pela posição no mercado, mas do exercício do meu dever em relação a todos e do dever de todos em relação a mim, incluindo a natureza, em função da plenitude da vida.

Diante do abuso da autoridade, a pergunta não mais será: Sabe com quem está falando? E sim: Quem o senhor pensa que é? O respeito aos direitos humanos sustentará o paradigma da cidadania, universalmente concebida e acatada.

Essa perspectiva só será alcançada na medida em que a todos for assegurada uma renda mínima capaz de permitir-lhes o acesso a produtos e serviços. Aqui entram duas questões básicas: definir, em dado contexto social, qual o rendimento mínimo de que uma pessoa necessita para desfrutar de uma vida digna e feliz; e delimitar o teto de acumulação das pessoas jurídicas, de modo a favorecer a distribuição de renda.

Do ponto de vista econômico, essa equação aqueceria a demanda e a produtividade, reduzindo significativamente a desigualdade. Mas, dos pontos de vista subjetivo e ético, ela exige profundo senso de justiça, a começar pelo princípio bíblico de reconhecimento do outro como meu semelhante e expressão da imagem divina. 

Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Emir Sader, de "Contraversões: civilização e barbárie na virada do século" (Boitempo), entre outros livros.

Desconhecidos, mas felizes

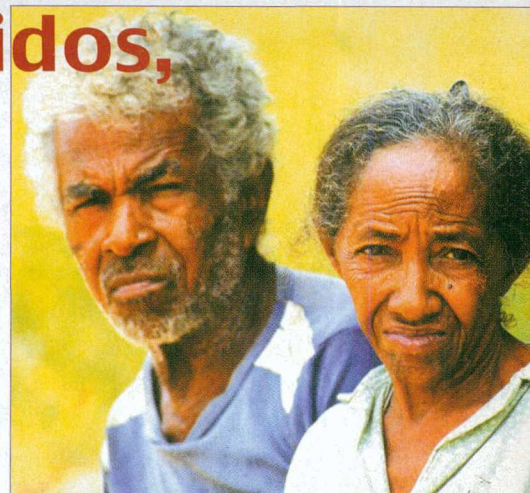
Pe. Zezinho

Era uma vez uma estrela esquecida lá no firmamento, numa distante galáxia, entre outras bilhões de estrelas. Não era famosa, não tinha nome, nenhum olho humano a vira e, se vira, nem notara. Nem mesmo os astrônomos percebiam sua existência. Mas tinha o seu próprio brilho. Desconhecida ou não, ela achava que valia a pena ser a estrela que era.

Era uma vez um pequeníssimo grão de areia que, perdido na vastidão do deserto nunca foi visto nem notado por ninguém. Nem mesmo pelos grãos a cinco centímetros dele. Era apenas um minúsculo grão, mas gostava de ser quem era. O Criador não cria nada em vão. Um pequeno grão de areia tem mais força do que se possa imaginar. Pode causar pane numa nave espacial e abortar uma viagem estelar se penetrar no ponto errado.


Era uma vez um fruto maduro no meio de milhões, frutos de uma enorme plantação de frutas. Nunca ninguém o notara. Corria o risco de ser colhido por uma máquina, ser moído e transformado em suco e jamais ser visto por quem quer que fosse. Poderia também apodrecer no pé sem ser colhido. E a pior coisa para um fruto é não ser provado nem utilizado. Mas tinha lá seu sabor, seu suco e suas sementes. Colhido ou não, um fruto é um dom do Criador.

Era uma vez uma pedra no sertão que nunca ninguém viu. Uma vez uma folha na floresta que nunca ninguém viu nem colheu. Nunca nenhum pássaro sentou sobre ela. Nunca nenhum inseto se abrigou no seu colo. Era uma



vez uma pedra que nunca ninguém usou para o que quer que fosse.

Era uma vez um homem chamado João e uma mulher chamada Tereza, com z. Nunca falaram num microfone, nunca cantaram nem falaram na frente do povo, nunca foram entrevistados, nunca ninguém repetiu ou escreveu um pensamento deles, nunca ninguém os filmou ou fotografou, nunca ninguém lhes pediu uma assinatura a não ser para cobrar alguma dívida, nunca ninguém lhes disse que eram bonitos ou maravilhosos. Eram duas pessoas boas e felizes. Tinham seu brilho próprio, gostavam de ser quem eram, acreditavam em Deus e diziam que um dia iriam para o céu conhecer seu Criador, porque Ele sabia quem eles eram. Como Deus não fabrica lixo, nem faz ninguém à toa, eles tinham certeza de que alguma razão Deus tinha tido para tê-los criado.

Era uma vez João e Tereza, com z. Sabendo o que sabiam, tinham aprendido mais sobre a vida do que muita gente com diploma de doutor. Há muito doutor enciumado com o brilho e o sucesso dos seus colegas de sabedoria. Quem vive querendo o lugar, a fama, o dinheiro, o sucesso e o brilho dos outros é como o jóquei que não chegou junto porque, de tanto invejar o cavalo dos outros, esqueceu de montar no seu... 

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.

Qualidade de vida

J. B. Libânio

O século XX principiou-se cheio de esperança, prometendo uma qualidade de vida cada vez melhor por obra e graça da tecnologia. Paris via suas entranhas serem atravessadas pela rapidez e praticidade do metrô. No entanto, terminamos o século superpreocupados com a sobrevivência da humanidade por causa da destruição de sua casa: o Planeta Terra.

E os inícios do século XXI têm sido tormentosos, principalmente depois dos acontecimentos de 11 de setembro nos Estados Unidos. As duas Torres

humano acontece especialmente nas cidades e tanto mais grave quanto maior ela o é. As megalópoles tornam-se uma loucura e revelam um grau tão alto de irracionalidade que só se explica pela ganância desvairada e, a curto prazo, de quem não tem a mínima noção das conseqüências para as gerações seguintes dos estragos cometidos no momento presente e não se preocupa pela vida saudável das maiorias.

A nossa consciência se forma no interior de um processo relacional com as outras pessoas e com a realidade circundante. À medida que mais gen-

tos no sentido de descobrir a vinculação profunda que une todos os seres humanos entre si e com todo o cosmos. Buscase uma harmonia maior que vai refletir diretamente na qualidade de vida.

Com efeito, nada tão frustrante e neurotizante que uma vida humana em contínuo conflito consigo, com os outros, com a natureza. Sem chegar ao extremo de dizer que a qualidade de vida é uma atitude de espírito, já que ela exige um conjunto de condições materiais e sociais, contudo muito depende dela. Por isso, o movimento de melhoria de vida deve bater simultaneamente nas duas teclas. De um lado, investir fortemente no campo social para ampliar o usufruto dos benefícios básicos a toda a população. "Sem pão, não há vida sem mais". Pão significa concretamente alimentação, saúde, moradia, trabalho, educação.

Mas só o pão não faz a qualidade de vida. Há muitos ricos que vivem pessimamente. Haja vista a estatística dos suicídios, a quantidade de psicotrópicos, de Prosaks, de Ecstasies que consomem para encontrar artificialmente uma alegria de vida que lhes falta. É a carência do sentido, da beleza, da harmonia com tudo o que os circunda, pessoas e mundo. A qualidade de vida das pessoas depende de recursos materiais, psicológicos, culturais e religiosos. Todos esses setores devem ser igualmente contemplados. Resta-nos longo caminho. E que cada pequena experiência seja um incentivo à nossa fantasia!

Nada tão frustrante e neurotizante que uma vida humana em contínuo conflito consigo, com os outros, com a natureza. Sem chegar ao extremo de dizer que a qualidade de vida é uma atitude de espírito, já que ela exige um conjunto de condições materiais e sociais, contudo muito depende dela.

te luta pela conservação do meio ambiente e à medida que as devastações ambientais se tornam gritantes, resulta mais fácil despertar o primeiro nível da consciência ecológica. Este consiste em levar a sério a preservação do meio ambiente. No entanto, estamos ainda numa fase antropocêntrica. O ser humano conserva a natureza em vista do próprio benefício.

Entretanto, há um esforço de ampliar esta consciência para horizontes mais vas-

Gêmeas e o Pentágono sofreram terrível ataque. E a subsequente guerra não tem sido menos violenta e nefasta. Além disso, o bioterrorismo, vindo de fronteiras até agora não bem identificadas, ameaça todos os rincões. Em tudo isso, o Planeta Terra sofre.

São bem-vindos todos os esforços para melhorarem a qualidade de vida, seja em escala mundial, seja mesmo em pequenos cantos de nosso mundo. Evidentemente a deterioração do *habitat*



Foto: verbo Filmes

J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Voto não tem preço!

A partir desta edição, divulgaremos os principais tópicos do documento elaborado pela Comissão Brasileira Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em parceria com a Procuradoria Regional Eleitoral do Distrito Federal: Lei 9840/99 Passo a Passo, visando as eleições de 6 de outubro.

Você já ouviu falar em corrupção eleitoral. E com certeza já ouviu dizer que corrupção eleitoral é crime. Por certo também já ouviu por aí, e talvez até concorde, que isso não dá em nada, que ninguém neste país vai preso porque ofereceu ou prometeu algo em troca de voto.

Você sabe, viu, ouviu, mas está perdendo o bonde da história. É de uma história recente que estamos falando; história que marcou uma das grandes vitórias do povo brasileiro no combate à corrupção eleitoral e que se efetivou no ano de 1999 com a aprovação, pelo Congresso Nacional, em tempo recorde, do primeiro projeto de lei de iniciativa popular que, referendado por mais de um milhão de assinaturas de eleitores em todo o Brasil, trouxe à tona um instrumento legal de combate à corrupção eleitoral: a Lei 9840, de 29 de setembro de 1999.

Aplicada com eficácia nas eleições municipais de 2000, está agora pronta a se tornar efetiva também nas eleições que se aproximam e você é o principal responsável por ela. Como dizem por

aí, a lei precisa "pegar" e, para que isso ocorra efetivamente, é preciso que o cidadão esteja consciente da importância que tem o seu voto.

Com a sua fiscalização e a atuação das autoridades que orientam o processo eleitoral, podemos mudar o perfil das campanhas eleitorais, eliminando do processo eleitoral candidatos que exploram as carências populares em nome da desenfreada corrida às urnas.

A compra de voto está definida como crime no art. 299 do Código Eleitoral. A pena ali prevista é de reclusão até quatro anos e pagamento de multa. Ocorre que uma eventual condenação por crime dessa natureza exige a instauração de um processo que segue um rito muito lento e cuidadoso, o que acaba por gerar a incerteza da puni-

As propostas de compra de voto são as mais variadas possíveis. Seu voto recebe preços que variam de um simples óculos a casas, lotes de terreno; de próteses a carros. Até caixão de defunto compra voto.



Ilustração: Arquivo

ção diante do tempo decorrido. Em muitos casos, o candidato se elege, cumpre seu mandato e o crime ainda espera apuração pela justiça.

A Lei nº 9840/99 tornou mais clara a tipificação dessa conduta e simplificou o processo de apuração que agora segue um rito mais célere. A nova lei descreve com mais clareza as condutas que configuram captação ilegal de sufrágio, definido no Código Eleitoral como crime de corrupção, prevendo também uma forma mais rápida e eficaz de punir o infrator. Assim é que está escrito na lei:

Art. 41-A — Ressalvado o disposto no art. 26 e seus incisos, constitui captação de sufrágio, vedada por esta lei, o candidato doar, oferecer, prometer, ou entregar, ao eleitor, com o fim de obter-lhe o voto, bem ou vantagem pessoal de qualquer natureza, inclusive emprego ou função pública, desde o registro da candidatura até o dia da eleição, inclusive, sob pena de multa de 1.000 a 50.000 UFIRs, e cassação do registro ou do diploma, observado o procedimento previsto no art. 22 da Lei Complementar nº 64/90.

O rito previsto pela nova lei, destinado à apuração das condutas que caracterizam a compra de votos, obedece a prazos curtíssimos, tornando-se, assim, mais rápido e, na hipótese de não serem cumpridos a tempo, pode o interessado reclamar ao Tribunal Eleitoral que deverá apreciá-lo e tomar de imediato as providências necessárias.

A nova lei reforçou ainda a punição, impedindo que o candidato entre na vida pública com o rastro de uma

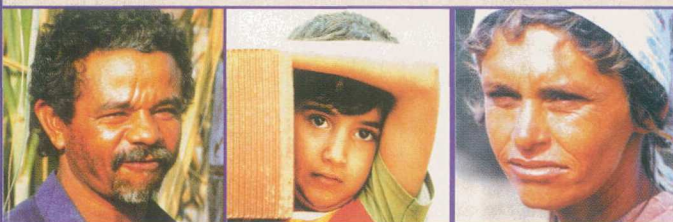
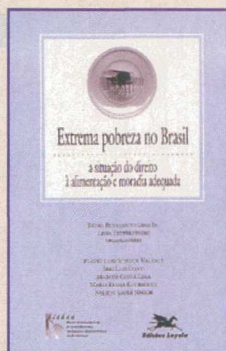
conduta dessa ordem e sem a devida sanção. É que além da pena de prisão prevista no Código Eleitoral, poderá ter ele o seu registro de candidatura cassado ainda durante a campanha eleitoral, impedindo-o de concorrer às urnas. Na hipótese de vir a ser finalizado o processo após as eleições e sendo ele diplomado, a lei possibilita que contra ele se instaure um processo de cassação de diploma; ou seja, mais cedo ou mais tarde — e não muito mais tarde — ele responderá pelos atos que lhe forem imputados.

O texto não impede que também os chamados "cabos eleitorais", agindo em nome do candidato, cometam o mesmo ato e por ele respondam, tornando-se passíveis de punição.

A nova lei de combate à corrupção eleitoral, como vem sendo denominada a Lei nº 9840/99, só pode se fazer sentida se cada um de nós fizer a parte que lhe cabe.

Se quisermos políticos conscientes, teremos de nos tornar cidadãos conscientes. Ao tomar conhecimento de condutas como essas, consistentes na troca ou compra de voto, denuncie o fato ao Ministério Público Eleitoral dirigindo-se ao Promotor Eleitoral que atua em sua Zona Eleitoral ou diretamente à Procuradoria Regional Eleitoral. As denúncias podem ser feitas por qualquer eleitor e recomenda-se que sejam dirigidas, com um mínimo de provas, ao Ministério Público Eleitoral que, assim como detém legitimidade para adotar providências de que trata a Lei eleitoral nº 9504/97, também a detém em relação às providências previstas na Lei nº 9840/99.

Colabore, atue, denuncie, participe dessa luta contra a corrupção eleitoral e aproveite seu voto, não deixando que outros se aproveitem dele.



Fotos: Verbo filme

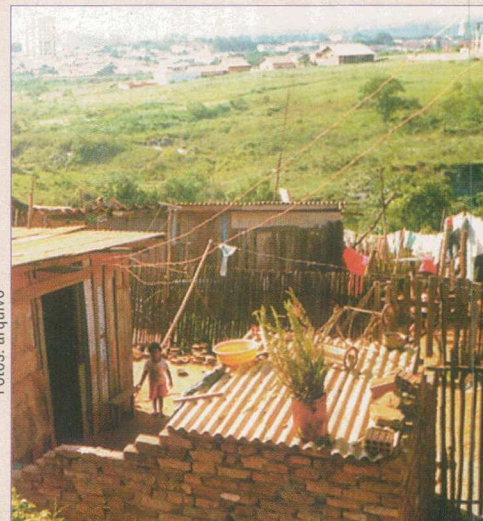
Brasileiros no Quem é Sem

Francisco Gomes de Matos

Em 16 de abril deste ano, após assistir à mesa redonda sobre "Não Violência e Direitos Humanos", um dos eventos da X Mostra de Artes e Comunicação, CAC/UFPE, recebi do Dr. Fernando Matos (Comissão de Direitos Humanos/OAB) um presente de valor social inestimável: o livro *Extrema Pobreza no Brasil a situação do direito à alimentação e moradia adequada*, organizado por Jaime Benvenuto Lima Jr. e Lena Zetterström, recém-publicado pela Loyola, SP, por iniciativa da Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais — DhESC Brasil). Li esse relevantíssimo documento chamado "relatório-livro" na semana seguinte, e tal seu impacto humanizador, que imediatamente decidi dedicar a ele este artigo.

Como os leitores têm o direito de compreender o título de meu texto, explico que existe uma tradição editorial ocidental de publicar-se dados biográficos sobre pessoas notáveis ou influentes, através de volumes intitulados *Who's Who* (*Quem é Quem*). A propósito, essa expressão teria sur-

tido no Inglês escrito, em 1840, segundo o *Random House Webster's College Dictionary*, (1997: p.1468). Assim, encontramos diversos tipos de *Quem é Quem*, voltados para grandes personalidades nas ciências, nas artes, no comércio, etc. Até o dia 15 de abril, em meu vocabulário, só havia *Quem é Quem*, mas, depois de conhecer a humaníssima contribuição dos dois organizadores e cinco autores (quatro brasileiros e uma sueca residente no Brasil), acrescentei outra expressão ao meu dicionário mental: **Quem é Sem**. Por quê? Este volume pioneiro explora um gênero textual que relata e retrata dois dos mais desafiadores problemas da exclusão social em nosso país: violações cometidas contra pessoas *sem alimentação e sem moradia*. Justificado, assim, o termo criado para o título deste



Fotos: arquivo

artigo, descrevo a organização do livro.

A uma Introdução, por Jayme Benvenuto Lima Jr., seguem-se três textos: *Raízes da Miséria no Brasil*, por Marcos Costa Lima; *O Direito à Alimentação*, por Flávio Luiz Schieck Valente; e *O Direito à Moradia*, por Nelson Saule Júnior e Maria Elena Rodriguez. Um conjunto de 49 *Propostas* dos movimentos sociais e de estudiosos do direito à alimentação e à moradia, um conjunto de 66 *Casos* de violação dos direitos à alimentação e moradia, relatados por pessoas ligadas a diversas entidades (dentre as quais o Centro de Promoção da Vida Hélder Câmara, de Fortaleza, CE; Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, RS; Pastoral da Saúde, Londrina, PR).

Uma relação das Entidades Associadas: GAJOP - Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares, MNDH - Movimento Nacional de Direitos Humanos, FASE - Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional, FIAN - Rede de Informação e Ação pelo direito a se alimentar, Centro de Justiça Global, Catholic Relief Services e Fundação Ford.

Concluí o volume um conjunto de mini-biografias dos autores e organizadores, atuantes em Direito, Economia, Filosofia, Jornalismo, Medicina e Teologia. Das propostas sobre Direitos humanos econômicos, sociais e culturais, destaco a de implementar políticas públicas sociais, de maneira integrada e complementar, na perspectiva da erradicação da extrema pobreza. Dentre as propostas relativas ao direito à moradia adequada (incluindo a terra), destaco a de garantir a todos o direito à água potável de qualidade.

Finalmente, dentre as propostas re-

lativas ao direito à alimentação, destaco a de criar e implementar programas de apoio alimentar às famílias carentes, fiscalizados pela associação de bairros em todos os Estados.


Valor educativo

A leitura dos *Casos* foi duplamente inspiradora: por um lado, este articulista conheceu, indiretamente, um pouco da vida de 66 brasileiros e suas famílias. Esses relatos bem poderiam integrar um volume internacional **Quem é Sem no Mundo** — mini-biografias de excluídos, publicado em várias línguas, para que vítimas de violações dos direitos à alimentação e moradia possam ter assegurado, também,

saúde das pessoas e condições de higiene do local onde residem", "visão política que os adultos têm" (da realidade atual), "tipos de violência a que as pessoas estão submetidas".

Dado o engajamento deste articulista na área emergente da Linguística da Paz, aprendi também, nos relatos sobre os excluídos, a perceber o vocabulário com que se descreve sua condição social. Assim, o advérbio "não" ocorre com frequência: "não usufruí de eletricidade" "não tem orientação a respeito de higiene", "não tem acesso a medicamentos regulares". Outra palavra recorrente: o verbo faltar: "falta de políticas públicas de inclusão" "falta de empregos no município".

O que poderia ser acrescentado numa próxima edição deste magistral documento? Endereços eletrônicos dos autores, organizadores e respectivas instituições, bem como das entidades associadas, para que os leitores interessados possam exercer o direito de dialogar/interagir com as pessoas e organizações co-responsáveis por este bem-documentado volume.

Em suma, um livro que honra a tradição brasileira sobre Direitos Humanos e que contribui para que a questionável prática cultural do apenas *preocupar-se* (social, econômica, política, espiritualmente) com os problemas tão bem enfocados neste livro venha a transformar-se num sustentável *ocupar-se*, traduzido em medidas que assegurem o direito à alimentação e à moradia aos nossos irmãos extremamente pobres. 

Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco, Membro da Comissão de Direitos humanos, CAC, UFPE, Recife. fcgm@cashnet.com.br



Fotos: Eduardo Russo

o direito de serem ouvidas/lidas.

Ao documentarmos e difundirmos as vozes dos extremamente pobres, promoveremos uma dimensão mais cristã do que chamo *Comunicar para o Bem* (cf. nosso livro, com esse título, recém-publicado pela Ave Maria, SP).

Por outro lado, aprendi a identificar categorias com base nas quais podemos preparar entrevistas com nossos irmãos excluídos. Assim, além das variáveis tradicionais — nome, sexo, idade, estado civil, grau de escolaridade, renda familiar — encontramos "tipo de discriminação sofrida", "tipo de documento que possui", "condições de

Integração dos diferentes

Francesc Carbonell i París, Girona, Espanha

Enquanto houver, ainda que só um excluído, ninguém pode se sentir integrado.

Integração x submissão

Integração não quer dizer o mesmo que submissão. Se o que queremos é que os "diferentes" se submetam sem dizer nada aos nossos costumes e às nossas normas, então não devemos dizer que queremos que se integrem.

Com esta exigência de submissão, podemos dar-lhes um lugar não muito distante dos antigos escravos, ou dos animais domesticados. Como sempre, haverá aqueles que não queiram se submeter a esta situação e então os expulsaremos de nossa comunidade para fora do nosso povo e até para fora do país, se possível. Senão, serão colocados na periferia, excluídos das escolas, mantidos em guetos e cárceres...

Integração x assimilação

Integração tampouco quer dizer assimilação, ainda que a confusão entre os termos seja também muito freqüente. Se um grupo majoritário absorve um minoritário, de maneira que os membros deste último cheguem a se confundir com os do anterior, perdendo seus hábitos de alimentação ou de vestir, seus valores básicos e distintivos, inclusive sua religião e sua língua, não podemos dizer que, finalmente houve uma integração.

Quando uma cultura absorve a outra, destrói-a, devora-a. É preciso utilizar um termo mais adequado às funções digestivas: assimila-a. Quando o "diferente" não tem outro caminho para sobreviver que se deixar assimilar, não se integra: também se submete.

Integração x adaptação

Integração tampouco quer dizer somente adaptação, que é a ante-sala da integração. Se viajo para um país distante, depois de alguns dias, provavelmente estarei adaptado ao clima, à mudança de horários, da moeda. Talvez me custe algum tempo mais para me acostumar – adaptar-me – a seus costumes gastronômicos ou sociais... A integração, no meu modo de ver, exige algo mais, uma transformação pessoal e social profunda.

Os que detêm o poder, exigem, quase sempre, o modelo de integração que é mistura destes ingredientes: *submissão* às normas e costumes dos que mandam; *adaptação* à exploração, a precárias e péssimas condições de vida; e *assimilação* da cultura dos que possuem o poder.

Riqueza das culturas

Felizmente, nem todo mundo pensa assim. Também há quem argumente que é difícil, mas necessário, enriquecer-nos mutuamente com a diversidade. Todas as culturas são entes vivos em contínua evolução, e não algo cristalizado e puro, um patrimônio morto, mumificado.

Esta visão essencialista da cultura sublinha o perigo, sempre presente, de perder o legado cultural dos ancestrais, "a identidade" (sempre no singular, como se só houvesse uma, igual para todos casos). Em verdade, aqueles que defendem isto, quase sempre são os

que temem perder seus privilégios.

Ademais, este essencialismo cultural costuma estar na base do racismo culturalista, que confunde intencionalmente diversidade com desigualdade. Afirmo que a pobreza não foi causada pela injusta repartição da riqueza, mas pelo "atraso cultural" em que vivem os pobres e os excluídos. Cinicamente, acusa assim de culpados os excluídos de sua situação.

Não creio, como se costuma dizer, que dependa da vontade e do esforço do grupo minoritário a desejada integração: é muito maior a responsabi-

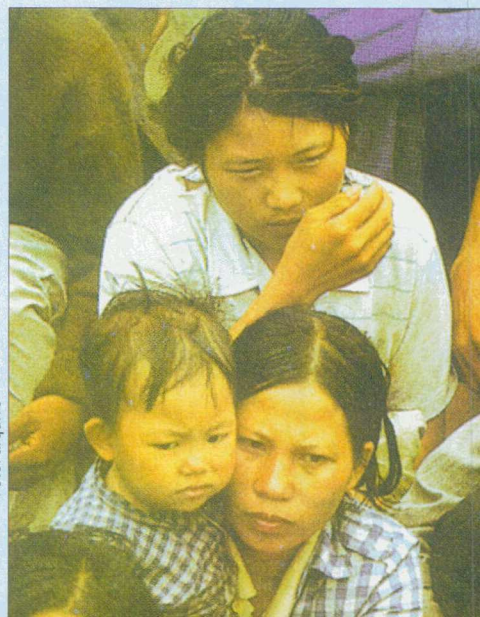


Foto: arquivo



Foto: Verbo filme

lidade do grupo majoritário, já que em suas mãos estão o poder e os recursos necessários para facilitá-la, para criar as condições favoráveis. Enquanto persistirem a insegurança e a precariedade que caracterizam o atual *status* dos excluídos e não se reconhecerem seus direitos cívicos e políticos fundamentais, pretender sua integração é ironia. Não temos o direito de exigir que se "submetam" para "lhes dar" cidadania, é justamente ao contrário: *reconhecê-los desde o primeiro momento como concidadãos, se quisermos conseguir uma sociedade integrada.*

E, atenção! Não é por filantropia, nem por piedade, nem por caridade, que se deve impor este reconhecimento, mas por pura justiça, por exigente aplicação do que ordenam as leis vigentes, desde os Direitos Humanos até as constituições dos países civilizados.

O que é integração

Minha proposta de definição de integração começa exigindo a necessidade de considerá-la simultaneamente

A integração é um projeto utópico: processo de construção de um novo espaço social (imaginário coletivo, normas e valores compartilhados) no qual todos nos sentiremos acolhidos, reconhecidos e respeitados.

como *um projeto, um direito e um dever social*. A integração dos dois grupos diferentes será fruto que lentamente irá amadurecendo, a partir da vontade ativa e inequívoca de ambas as partes – de resolver positivamente os inevitáveis conflitos que emergirão não só pela diversidade de valores e costumes, mas pela injusta desigualdade social.

A integração é uma forma de libertação coletiva que nem se pede, nem se oferece, nem se pode dar; é preciso ganhá-la, conquistá-la, dia a dia, como exercício por parte de todos de uma co-

cidadania militante, que comporte a luta contra toda classe de exclusão e a favor da uma verdadeira igualdade de oportunidades e direitos.

Para exercer esta cidadania são necessários, no mínimo, três condições:

- Todos os seres humanos sejam considerados sujeitos e não objetos neste processo de integração coletiva;
- Todas as pessoas sejam reconhecidas como fim e nunca como meio a serviço de outros;
- Todos e todas possam ser donos e donas de seu destino.

A integração é um projeto utópico: *processo de construção de um novo espaço social (imaginário coletivo, normas e valores compartilhados) no qual todos nos sentiremos acolhidos, reconhecidos e respeitados*. Processo no qual todos temos o direito e o dever de participar como sujeitos e atores, sabendo, de antemão, que tão importante é a meta como o caminho que fazemos, já que é nessa tarefa que nos construímos uns aos outros como seres socialmente integrados. Enquanto houver, ainda que só um excluído, ninguém pode se sentir integrado.

Propostas

Mas como podemos avançar mais rápido nessa direção? Convido o leitor a considerar a pertinência e a operatividade de três propostas:

- Para lutar contra a exclusão social devemos deixar um pouco mais tranquilos os excluídos (não digo abandoná-los à sua sorte, mas quase) e centrar nossos esforços na educação dos excluídos. Orientemos bem a artilharia: a primeira linha de combate não está na periferia, nos bairros marginais nem nas escolas-gueto. Não confundamos mais, nem permitamos que contínuem nos confundindo.
- Não será possível uma educação intercultural, se previamente não afi-

ançarmos bem uma educação na convicção de que somos iguais em dignidade e direitos. Educar o respeito para com a diversidade é muito mais fácil, mas é perda de tempo (quando não colocar lenha no fogo do racismo diferencialista) se previamente não for feito o trabalho muito mais difícil de educar na convicção de que somos iguais. A dificuldade encontra-se no fato de que se trata de uma convicção (um trabalho, este de educar crenças, mesmo ainda que estas certamente nos escandalizem, mais próximas de uma lavagem cerebral, do que de uma demonstração matemática). Educar esta idéia, de que somos iguais em dignidade e direitos é especialmente difícil, uma vez que, freqüentemente, nem mesmo o educador está disposto a acreditar nesse princípio e agir de acordo com as conseqüências.

- Devemos aguçar o olfato, o ouvido e a visão para detectar as causas que provocam o dia a dia, a exclusão social. Também devemos acrescentar o tato e a paladar para agir, para intervir nos sintomas desta enfermidade. Mas temos que usar todos os sentidos mais a imaginação, o espírito crítico e a audácia, para intervir também sobre as causas que produzem estes sintomas, já que, se não agirmos também sobre as causas, nosso trabalho será como o da beneficência paternalista.

Os líderes das sociedades opulentas enchem a boca com freqüência com as palavras *liberdade, igualdade, fraternidade*. Enquanto, na prática, (com a cumplicidade de quase todos, incluídos nós que procuramos escrever ou ler artigos como este, e ainda mais se em nosso discurso sobre a diversidade cultural esquecermos a exclusão social), vão reforçando um sistema econômico, cujo único objetivo é manter, a qualquer preço, os privilégios dos que nasceram em berço de ouro.

Artigo extraído da Agenda Latino-americana 2002.

Igreja e política

José Geraldo Vidigal de Carvalho

Este ano eleitoral está se prestando a inúmeras reflexões e requer-se um exame de consciência por parte de todos os segmentos da sociedade, inclusive da Igreja. A magna questão é o discernimento entre a necessária formação política do povo e o partidarismo, paixão perigosa que conduz ao proselitismo. Trata-se de mudança em profundidade. José Comblin afirmou: “em países em que as elites estão, na sua maioria, a serviço da manutenção de um sistema profundamente injusto, o clero não pode fugir da sua responsabilidade e pecar por omissão”.

Cumpre, de fato, levar o povo a refletir sobre a revisão de valores de idéias e de ideais políticos para que se alcance distribuição de renda mais justa. Há aspectos fundamentais como, por exemplo, a formação de sólida liderança comprometida com as camadas desassistidas, o que é um passo de vital importância. Aqui, cabe responsabilidade enorme aos professores cristãos, sobretudo das universidades católicas.

Se há clamor por políticos cultos e especialistas nos diversos ramos do saber humano que inspirem total confiança sob o ponto de vista ético e de seus planos socioeconômicos, é porque a safra que tem

saído das instituições de ensino superior não tem preenchido um vácuo, fato sumamente afligido. É necessário, além disto, levar os fiéis a interpretar, politicamente, as realidades sociais através de conceitos cuja significação não sofra crise de decomposição por parte dos eternos exploradores do povo. No momento atual, alguma coisa já foi feita no sentido de se evitar o continuísmo e liquidar com o neoliberalismo e todos os seus desdobramentos. Algo mais deve ser feito.

A recuperação plena do sentido cristão da libertação, no seu significado mais amplo e pertinente, é urgente sob pena de as futuras gerações continuarem vítimas das maiores mazelas sociais. Isto supõe, inclusive, a articu-





ção das diversas formas de luta política. Não se trata da superada luta de classes que nunca levou a lugar algum. O essencial é o compromisso cristão, ético e político, de todos os que estão animados, direta e explicitamente, corajosa e persistentemente, a se colocar ao lado dos marginalizados.

Neste caso, embora os que possuem cultura maior tenham muito a oferecer, também aqueles que não são os mais academicamente sábios enorme contribuição podem oferecer para transformação de base das estruturas vigentes, mormente quando já possuem notável experiência política.

Esquece-se de que a libertação é entendimento do contexto histórico por parte de pessoas que têm fé. Tal pos-

tura leva à uma prática revolucionária, no sentido filosófico do termo. É nova concepção do mundo que modifica e faz tombar os eternos manipuladores do poder sempre a serviço de uns poucos.

O jesuíta espanhol, Ignacio Ellacuría¹ (1930-1989), escreveu, com razão, que a "libertação é de imediato tarefa histórica, e dentro da História, tarefa socioeconômica".

Permanece vivo o pensamento que se lê no documento de Medellín, Colômbia (1968): "Assim como, em outro tempo, Israel, o primeiro povo, experimentava a presença salvífica de Deus, quando o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à terra da promessa, assim também nós, novo povo de Deus, não podemos deixar de sentir sua passagem que salva, quando se dá o verdadeiro desenvolvimento, que é a passagem para cada um e para todos, de condições de vida menos humanas para condições mais humanas".

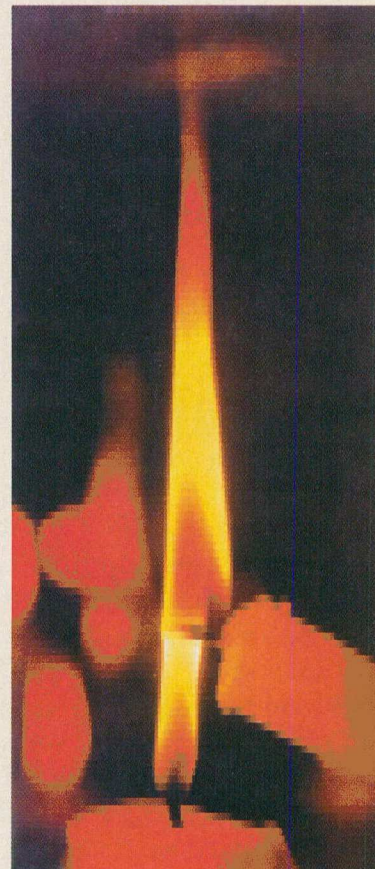
Portanto, apoiar qualquer candidato que esteja comprometido com o *status quo*, que continuará a fazer o jogo dos banqueiros, e de outros capitalistas, é trair o senso libertário que deve imperar na Igreja que, politicamente, só pode estar ao lado daqueles que se propõem lutar por uma metamorfose social. É questão elementar, mas que na prática não se dá, pois os inimigos do povo muitas vezes ganham, facilmente, as eleições. Consistentizar o povo é preciso!

Portanto, apoiar qualquer candidato que esteja comprometido com o *status quo*, que continuará a fazer o jogo dos banqueiros, e de outros capitalistas, é trair o senso libertário que deve imperar na Igreja que, politicamente, só pode estar ao lado daqueles que se propõem lutar por uma metamorfose social. É questão elementar, mas que na prática não se dá, pois os inimigos do povo muitas vezes ganham, facilmente, as eleições. Consistentizar o povo é preciso!

¹ (Ignacio Ellacuría foi assassinado pelo regime ditatorial, em 1989, com outros jesuítas, por sua luta pela libertação do povo salvadoreño).

José Geraldo Vidigal de Carvalho é Professor no Seminário de Mariana, Minas Gerais.

JESUS É LUZ E SALVAÇÃO! CHEGA DE ESCURIDÃO.



**Se deseja ser um claretiano,
escreva para os endereços
abaixo:**

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul
Centro Claretiano de Formação Missionária
"Padre Clotet"

Pe. Gilson F. da Silva

Cx. Postal, 412 CEP 85501-970 Pato Branco, PR
Tel. (0_46) 224-2129 clotet@witeduck.com.br
Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal

Pe. Márcio Silva Souza

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 1438 CEP 30160-01 Belo Horizonte, MG
Tel. (0_31) 222-3154 curiabc@digitus.com.br
São Paulo, Mato Grosso, Nordeste e outras regiões

Pe. Maurício Ribeiro

Secretariado Vocacional Claretiano

Cx. Postal, 3802, CEP 13066-640 Campinas, SP
Tel. (0_11) 9978-3893
pemaucricao@aseta.com.br
promovocacional@claretianos.com.br
www.claretianos.com.br

Doutores da Lei

Elias Leite

Os doutores da Lei, do tempo de Cristo, eram uma espécie de juristas, peritos na interpretação da Torá como das normas de comportamento religioso, contidas no Talmud, e outras. Motivo para se arvorarem donos da Lei. Deles, Jesus dizia a seus ouvintes: *Pois eu afirmo, se a vida religiosa de vocês não for mais perfeita que a dos mestres da Lei e dos fariseus, vocês não poderão entrar no reino dos céus* (Mt 5,20).

Jesus queria dizer que as interpretações dos doutores da Lei eram eivadas de fingimentos, de exterioridades e de desprezo dos outros e, por consequência, não poderiam pertencer à sua religião, que é feita de sinceridade, de vida interior e de verdadeira valorização das pessoas.

Os professores da lei dos nossos dias estão na mídia. E, muitas vezes, são mais ousados que os fariseus. Invadem além do campo jurídico civil e ultrapassam o religioso, quando se julgam doutores. Refiro-me às áreas da Igreja Católica. Uma instituição de milênios. De origem divina (para eles inexistente). Com uma tradição fielmente apostólica. Um corpo de doutrina seqüenciado, ininterruptamente, por centenas de sábios e santos escritores, teólogos, filósofos, exegetas, exímios juristas, e com um *Código de Direito Canônico* que a dirige, há séculos, com sabedoria e prudência. Para o magistério jornalístico, isso pouco ou nada vale.

Desconhecem, obtusamente, que a Igreja lida com direção de consciências, que têm direito ao respeito e à consideração. Ignoram que neste campo da consciência existe um "fórum íntimo" que se firma e exige segredo inviolável, confessional. Não está ao

Quando encontram (imprensa) um filão da miséria humana, mormente se envolve algum membro do clero, os atentos doutores botam cátedra, arvoram-se em guardiães dos costumes, admoestam o papa, corrigem os bispos, criticam a Igreja, condenam os réus e lavam as mãos.



Foto: Eduardo Russo

sabor do noticiário, da divulgação inseqüente e, muito menos, sensacionalista. Tudo isso em função de um sacramento, o do perdão de Deus, instituído por Cristo. Também isso os doutores da imprensa não alcançam. Precisa ter Fé.

Ademais, é função da Igreja e seu objetivo, a espiritualidade, *sejam per-*

feitos, como o Pai do céu é perfeito (Mt 5,48). E o apóstolo Paulo escreveu: *Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gl 3, 20). É esta a meta. Quem a atingiu é santo. A busca desta santidade de vida é escopo do Catolicismo, é meta de todo cristão.

Quando encontram um filão da miséria humana, mormente se envolve algum membro do clero, os atentos doutores botam cátedra, arvoram-se em guardiães dos costumes, admoestam o papa, corrigem os bispos, criticam a Igreja, condenam os réus e lavam as mãos.

Não há negar que a Igreja de Cristo, de origem divina, alicerça-se como sociedade humana, é santa e pecadora, peregrina rumo à salvação que é conquista e prêmio. Conhece os meios que tem, deixados pelo Fundador, tanto para vencer quanto para redimir-se, pela ação do Espírito Santo. Não pode, portanto, ser considerada como uma sociedade apenas civil e, muito menos, ficar ao sabor do denunciamento sensacionalista de quem vive fora dela. Sabe e tem como corrigir a fraqueza dos que erram, e ninguém tem o direito de obstaculizar a misericórdia e o perdão, que vêm de Deus.

Escândalos houve e haverá. Jesus os investiu: *Ai daqueles por quem o escândalo vier!* Em se tratando das crianças, chegou a repetir: *Sempre haverá pessoas que levam os outros ao pecado. Mas, ai daquele que leva alguém a pecar. Pois aquele que desvia um menor do bom caminho, seria bem melhor para ele ser atirado ao mar, com uma pesada pedra atada ao pescoço. Portanto, tomem muito cuidado* (Lc 17, 1-3; Mt 18, 6-8).

O próprio Cristo o sentiu bem de

Maria na Bíblia

Geraldo Araújo de Lima

Nossa Senhora tornou-se o instrumento de piedade popular mais difundido entre os cristãos católicos. Desde agosto de 2001, vêm-se publicando textos com fundamentos bíblicos relacionados com o tema.

No relato das bodas de Caná, Maria aparece com uma função bem determinada: ela é a mulher que precede o aparecimento do Messias. Melhor ainda: ela é a mulher que provoca o aparecimento do Messias! Ela já se encontrava lá, quando Jesus chegou, ainda como "um ilustre desconhecido". Ele ainda não havia manifestado a sua glória, embora já houvesse sido batizado e apresentado ao mundo por João Batista. Não havia ainda chegado a sua hora. Era preciso que alguém a provocasse (Jo 2,1-12; 1,36)!

Era esta, precisamente, a função de Maria: seu papel de "mãe de Jesus" não deveria limitar-se apenas a aceitar a encarnação do Verbo de Deus e dar à luz o "Filho do Altíssimo". Competia-lhe apresentá-lo ao mundo em todos os momentos-chave da sua curta existência terrena: aos "pobres de Israel", representados pelos pastores; aos povos do mundo inteiro, representados



Foto: arquivo

pelos magos; aos judeus piedosos que esperavam o Messias, representados por Simeão e Ana. Passados os longos anos da vida oculta, competia-lhe mais uma vez, como a "mulher", apresentá-lo, definitivamente, à comunidade messiânica em formação (Lc 2,16; 25-38; Mt 2,11).

Quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de uma mulher... (Gl 4,4). Se, na narração de Lucas e Mateus, a plenitude dos tempos para Maria dar à luz o Messias aconteceu em Belém, na de João — onde não há lugar para a infância e a vida oculta de Jesus — ela aconteceu em Caná. Tanto em um como em ou-

tro caso, o Filho de Deus não chegaria para a humanidade se a mulher não provocasse a sua hora. Para frisar tal iniciativa da parte de Maria, o evangelista deixa entrever que ela fora sozinha, por conta própria; ao contrário do que aconteceu no fim da festa, quando, tendo desempenhado a sua missão específica, desceu para Cafarnaum com Jesus, seus irmãos e seus discípulos.

Para a realização do "primeiro sinal", toda iniciativa partiu de Maria. Uma vez este realizado, todas as demais iniciativas partirão de Jesus. Maria retorna ao seu silêncio habitual, onde *guardava todas essas coisas, meditando-as em seu coração* (Lc 2,19).

"Jesus é o único caminho para o Pai, e Maria é o caminho mais seguro e fácil para chegarmos a Jesus. Encarnando em si as perfeições do Pai, Jesus tornou possível a imitação de Deus; e Maria, tendo copiado em si as perfeições de Jesus, tornou-as mais acessíveis e as pôs ao alcance dos homens. Por outro lado, ninguém mais que ela pode dizer: *Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo* (1Cor 11,1). Como Jesus veio a nós por meio de Maria, assim é justo que os fiéis vão a Jesus por meio dela" (Fr. Gabriel de S. Maria Madalena, ocd).

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; Convento do Carmo, Recife, PE.

perto, tendo-o previsto e avisado. Aconteceu, naquela noite, no bosque do Getsêmani, quando, interrompendo a oração, disse aos discípulos: *Levantem-se e vamos. Vejam! Aí vem chegando o homem que está me traindo! Judas chegou, foi até Jesus e o beijou, dizendo:*

Salve Mestre! Eles chegaram, prenderam Jesus e o amarraram (Mt 26,47-51).

Um dentre doze! Os demais, porém, foram-lhe fiéis até à morte. E o Senhor orou por eles. *Pai santo! Guarda-os pelo poder do teu nome. E não peço somente por eles, mas também*

em favor dos que vão crer em mim por meio deles! (Jo 17,20 ss).

E podemos concluir. Detestar o pecador, sim. Não, porém, esmagar o pecador. Será muito melhor contar o número dos santos!

Elias Leite é missionário claretiano, escritor e poeta.

Nossa Senhora das Dores

Roque Vicente Beraldi

Na edição de novembro de 1996 desta revista, relatou-se a história da devoção a Nossa Senhora das Angústias, o aparecimento inexplicável da imagem em Granada, Espanha. Quanto à origem, não se duvida de que os primeiros cristãos, certamente, davam condolências a Maria pelos sofrimentos que Jesus padeceu ao ser preso e condenado injustamente, por ter sido coroado de espinhos, carregado a cruz até o Calvário e crucificado. Ela permaneceu ao pé da cruz, quando seu Filho morreu pela salvação da humanidade. Estas recordações são feitas sobretudo na Sexta-feira Santa. Em muitos lugares, faz-se a procissão do Senhor morto, dando-se o encontro com a imagem de Nossa Senhora das Angústias, ou Soledade...

O título de Nossa Senhora das Sete Dores inclui também os momentos angustiosos para a Mãe de Jesus, durante sua vida. A comemoração litúrgica dá-se no dia 15 de setembro. A seguir, elencamos as sete dores de Maria.

Maria sentiu a primeira dor, quando o velho Simeão tomou Jesus nos braços, na apresentação no Templo, e disse a Maria: *Uma espada traspassará tua alma a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações* (Lc 2,35). Podemos avaliar a amargura que Maria suportou, antevendo a agonia de Cristo?

A segunda, narrada por São Mateus, referiu-se ao desterro no Egito. O anjo disse a José: *Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar* (Mt 2, 13-14). É possível imaginar os sofrimentos de uma jovem mãe, vendo seu filho em perigo de vida, sujeitando-se às intempéries e asperezas de uma longa viagem?



Ilustração: Pietá - Miguelangelo

A terceira dor lembra a perda do menino Jesus. *Acabados os dias da festa, quando voltavam, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que os seus pais o percebessem. Ao encontrá-lo, Maria disse: Meu filho, que nos fizeste?! Eis que teu pai e eu andávamos à tua procura, cheios de aflição* (Lc 2,46-48).

A quarta, recorda os cruciantes momentos em que Jesus a caminho do Calvário sofre escárnios e quedas. Maria ouvia zombarias daquele mesmo povo ao qual o Salvador tinha feito tanto bem! Sua fraqueza foi tanta que

tiveram que obrigar Simão de Cirene a ajudar Jesus a carregar a cruz (Lc 23,26). Sentiu-se esmagada como sob peso de todo o mundo...

A quinta dor de Maria, foi quando, no meio de dois ladrões, seu Filho querido, pregado na cruz pela salvação da humanidade, com grande brado falou: *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* e dizendo isto, expirou (Lc 23,46). Sentiu-se morrer com ele...

A sexta dor que traspassou a alma de Maria, como por uma espada, aconteceu no momento em que o corpo sagrado do Deus feito homem, foi descido da cruz e certamente o terão posto sobre os joelhos de Maria, como a tradição acredita. Miguel Ângelo a retratou esculpindo a maravilhosa estátua da "Pietà". Depois o sepultaram (Mt 27,60).

A última dor de Maria a acompanhou quando, após o sepultamento do corpo sagrado de Jesus, sentiu-se só, em profunda soledade, ansiando antes ter sido sepultada com seu Filho.

Esta devoção às sete dores de Maria, de início popular, foi difundida pelos padres passionistas e servitas e introduzida na liturgia universal pelo papa Pio VII.

Oração

Ó Deus, quisestes que a dolorosa mãe do Salvador participasse na obra da salvação, e, quando o vosso Filho foi exaltado, esteve junto à cruz, sofrendo com ele. Dai à vossa Igreja, unida às dores de Maria, na paixão de Cristo, participar da ressurreição do Senhor, que convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Pe. Roque Vicente Beraldi é missionário claretiano.

Tomé, apóstolo

3 JULHO
(séc. I)

O século Iº marca o início de nova etapa na história da humanidade: em Jesus Cristo, o Deus da vida, da bondade, da justiça, torna-se homem, encarna-se no seio da humanidade para torná-la mais divina, mais próxima do projeto da criação, que é um projeto de amor. Como sabemos, a obra de Jesus Cristo, o anúncio e testemunho do Reino de Deus, assumido como o grande projeto de sua vida, foi anunciada pelos profetas.

Após a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, foram os apóstolos chamados a dar continuidade à instalação e ao anúncio do Reino a partir da estruturação da Igreja. Pedro, João, Tiago Maior, Tiago Menor, Simão o Zelota, Bartolomeu, Mateus, André, Filipe, Tadeu, Tomé e Judas Iscariotes. Como o próprio Cristo e os outros apóstolos, Tomé nasceu no início da nossa era, época marcada pela forte influência da cultura greco-romana sobre vários povos, alcançada com o apogeu do Império Romano. Enquanto isso, na Palestina, o povo de Israel vivia a "expectativa messiânica", período em que os judeus esperavam a vinda do Messias, enviado de Deus, anunciado pelos profetas, para libertar o povo de Israel de seus inimigos. Na Palestina, política e economicamente, cresceu a influência e a dominação romana, situação que gerou no meio do povo uma sensibilidade e abertura para as realidades transcendentais e fez com que se multiplicassem os líderes espirituais.

Assim, a Igreja de Cristo, apesar das dificuldades, foi se expandindo muito pela ação contínua do Espírito Santo sobre tantos missionários e anunciadores da mensagem cristã. É neste contexto que viveu Tomé e os outros Após-



São Tomé, Apóstolo, denominado também santo Tomás. A ele disse Jesus: Não seja incrédulo, mas tenha fé. Ao que ele responde com toda a confiança: Meu Senhor e meu Deus!

tolos. Não existem muitas notícias de Tomé e dos outros apóstolos.

Antes de fazer parte do grupo apostólico, provavelmente, ele era pescador. O evangelista João o chama de Tomé, o Gêmeo (11,16). A tradição o conhece como o homem da incredulidade e um tanto quanto obstinado. Em Jo 11,16, ele aparece como um discípulo medroso e indeciso. Jesus já sofria várias ameaças por parte dos judeus quando Lázaro, irmão de Marta e Maria, morreu; voltar ali seria perigoso e Tomé, aflito, afirmou para os outros apóstolos, "subamos nós também e morramos com Ele". Em outra parte, ele aparece um tanto quanto perdido e indeciso quando na última Ceia, narrada em Jo 14, Jesus afirma que "para onde eu vou, vocês já conhecem o caminho" e Tomé, diz a ele: *Senhor, nós não sabemos para onde*

vais; como podemos conhecer o caminho? Ao que Jesus respondeu: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.

Finalmente, como narra João 20, 24-29, nos momentos que se seguiram ao episódio da Ressurreição, núcleo central da fé cristã, aparece como aquele que não acredita neste grande acontecimento e Jesus chama sua atenção dizendo: *Não seja incrédulo, mas tenha fé.* Ao que ele responde com toda a confiança: *Meu Senhor e meu Deus!*

Estas passagens demonstram as dúvidas de Tomé e, possivelmente dos outros apóstolos. Mas, servem para nos mostrar o processo de conversão e superação de Tomé e de muitos de nós. Tanto é que ele colocou sua vida totalmente a serviço do Reino e, seguindo antigas tradições, trabalhou no Oriente, tendo chegado até à Índia. Seu amor pelo Cristo era tão radical, que foi capaz de dar a vida por ele, morrendo martirizado, como tantos outros discípulos.

Segundo dados recentes, são milhares os mártires cristãos que deram a vida por amor a Jesus, ao Reino e à Igreja. E outros tantos os que assumiram o estilo de vida dos apóstolos e discípulos. Há ainda muitos povos e regiões a evangelizar. Mais do que nunca, a Igreja e o mundo precisam de pessoas como São Tomé. Sejam modelos de:

- amor incondicional pelo Reino de Deus;
- doação de sua vida à pregação do amor e dos ensinamentos de Jesus;
- testemunho de vida e de fé que assume e enfrenta as perseguições e incompreensões.
- total confiança e fé em Jesus que levam à superação das dúvidas e ambigüidades.



Isabel de Portugal

4 DE JULHO
(1270-1336)

Grandes santos surgiram no século XIII (Francisco de Assis, Domingos de Gusmão, Clara de Assis, Alberto Magno, Boaventura, Tomás de Aquino), enviados à Igreja para ajudar na sua purificação, época em que estava manchada pela riqueza e seus males. Ao mesmo tempo, cresceram as heresias (apocalípticos, luciferianos, patarinos, cátaros ou albigenses, valdenses, etc.) que também queriam renovação eclesial, mas desviaram-se do caminho e da doutrina eclesial.

Cresceu muito o chamado movimento dos penitentes, que pregavam a conversão dos pecados, a dedicação exclusiva ao Reino de Deus. Reis e rainhas, mesmo no ambiente corrupto da nobreza, conseguiram se santificar e foram capazes de dar grande testemunho de amor a Deus.

Nesse contexto, nasceu Santa Isabel de Portugal, filha do rei de Aragão, na Espanha, educada nos princípios do cristianismo. Os pais, pelo costume da época, eram os que acertavam os casamentos de seus filhos. Príncipes e princesas eram dados em casamentos a nobres de outros países. Assim, aos doze anos, coube a Isabel, por acordo político, casar-se com d. Dinis, herdeiro



Santa Isabel de Portugal ou da Hungria ou da Áustria, reinos unidos na época.

do trono português, de vida complicada e devassa. Teve filhos em relações extra-conjugais e traiu e humilhou muitas vezes Isabel, que sempre lhe perdoou e com caridade cristã continuou sua vida de esposa e mãe fiel.

No ambiente de realeza destacou-se pela simplicidade, honestidade, austeridade e pobreza. Dedicava grande parte de seu tempo às obras de caridade, à assistência aos doentes e pobres. Em muitos momentos foi a pacificador do reino nos problemas de seu ma-

rido e de seu filho Afonso. Quando o marido faleceu, renunciou a seus bens e foi morar no mosteiro das irmãs clarissas e se fez 'terciária franciscana', isto é, leiga que assumia em vida o carisma, estilo de vida de pobreza, caridade e oração de São Francisco de Assis, que viveu um século antes dela. Ao morrer foi chorada pelos súditos e conhecida como 'Anjo da Paz'.

Vivemos num mundo de poucos privilegiados e de muitos pobres e carentes. De um lado, os que levam uma vida de luxo e fazem de tudo para se manter no poder. De outro, a imensa maioria que não tem pão, casa, comida, saúde, educação e garantia de vida digna. As lideranças mundiais, cada vez mais, distanciam-se dos problemas das populações pobres, só se preocupam em aumentar bens e poder...

Precisamos de pessoas como Santa Isabel que sejam modelo de vida:

- dedicada a Deus, à oração e santificação de si mesmas e do próximo;
- austera, disciplinada e séria num ambiente onde impera o consumismo, hedonismo e corrupção;
- de caridade, solidariedade e compromisso com os pequenos, pobres, doentes, marginalizados e excluídos.



**Senhor,
tu sabes
tudo,
tu sabes
que te
amo,**
Jo 21,17

ORDENAÇÃO SACERDOTAL CLARETIANA Cláudio Roberto Fontana Bastos, cmf

No dia 17 de maio, d. Francisco José Zugliani, bispo de Amparo, SP, ordenou sacerdote o diácono Cláudio Roberto Fontana Bastos, cmf, na Catedral daquela diocese. Nascido em Osasco, SP, em 20/12/70, morou efetivamente em Amparo, SP, com seus pais, Guilherme Fontana Bastos e Domingas Sibenelli Bastos. Estiveram presentes à sua ordenação, religiosas e religiosos,

sacerdotes de Amparo e região, irmãos de congregação, além de inúmeros convidados. Sua primeira missão está sendo a de assessor da Direção do Colégio Claretiano, SP. A redação da *Revista Ave Maria* deseja-lhe produtivo ministério e abençoado apostolado na área da educação sob a proteção do Imaculado Coração de Maria e do fundador Antônio Maria Claret.

Século XXI, desafio para a Igreja

(Continuação)

Ronaldo Mazula

Na edição de maio, iniciamos o tema *Igreja Católica em números* e nele vimos as *Causas externas da diminuição das vocações sacerdotais-religiosas*.

Neste artigo, o autor considera as *Causas internas*.

As interrogações mais frequentes em relação às vocações sacerdotais e religiosas ligam-se à imagem dos consagrados, às incertezas de caráter doutrinal e ao testemunho de vida. Todos concordam, um pouco, sobre a idéia de que a crise das vocações é crise dos modelos precedentes. Por outro lado, quer o interesse crescente que os jovens têm pelo espiritual, quer a contemporânea falta de interesse pelas instituições, poder-se-iam explicar, em parte, pela imagem da vida sacerdotal e religiosa projetada e recebida.

Problemas principais:

- não é de admirar se, entre as primeiras causas, está a falta de um testemunho claro, visível e conseqüentemente, pouco atrativo da vida religiosa;

- os jovens, muitas vezes, não percebem a alegria de doação, e se encontram com um teor de vida pouco religioso, em nível pessoal e comunitário;

- alguns notam que não poucos institutos perderam o sentido para o qual

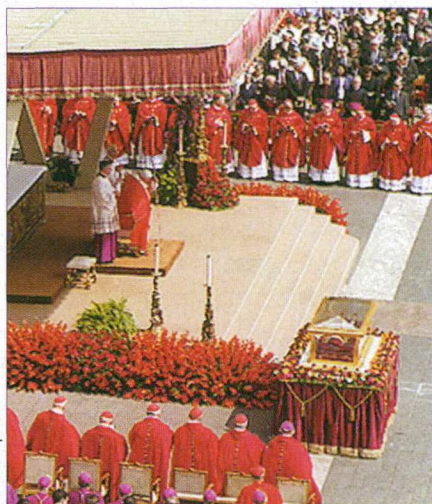


Foto: Arquivo

foram fundados e não são capazes de reatualizar o carisma;

- a vida religiosa é influenciada pela sociedade contemporânea, com valores anti-evangélicos. Já se notam, também, sinais claros de aburguesamento;

- dentro mesmo da Vida Religiosa as hodiernas teorias eficientistas e



Fotos: L'Osservatore Romano



utilitaristas desafiam, às vezes negativamente, as próprias pessoas consagradas, convidando-as a valorizar mais o ativismo e o compromisso social, antes do testemunho da própria vida;

- a própria perseverança dos jovens chamados é, muitas vezes, vacilante por causa das incoerências entre fé e vida, pelos contra-testemunhos e o ativismo que está caracterizando a vida dos religiosos, particularmente nos últimos tempos;

- falta de clareza teológica; generalização da proposta; carência de promotores e formadores; abandono da direção espiritual; o fato de permanecer ancorados, de maneira exagerada, a formas superadas do passado que causam o fechamento; incapacidade de saber acolher os sinais dos tempos; presença de tendências espiritualistas, aistóricas e desencarnadas.

Tudo isso constitui pontos problemáticos na imagem da vida consagrada. Não se deve desvalorizar os problemas devidos às dificuldades de inculturação. A questão do envelhecimento do pessoal religioso influi também sobre as novas vocações. Pense-se, por exemplo, que 50% dos religiosos e religiosas da Europa têm mais de 65 anos.

(Cf. QUARANTA, Ciro RCJ. *La vocazione alla vita consacrata in un'epoca difficile. Dati, problematiche, valutazioni*. In: VV. AA. *La Vita Consacrata nella Postmodernità*. Ed. Rogata, Roma, 1994).

Ronaldo Mazula é missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Diálogos internos: com quem conversamos?

Wimer Botura, Jr.

Vamos mostrar outras manifestações de nossos diálogos internos. Maria, por exemplo, vive com as extremidades das mãos e dos pés frias, mesmo em dias de intenso calor. Como este é um problema que se arrasta por anos e a incomoda, procura um médico. Verifica-se que sua alimentação segue o padrão de sua família, e não há qualquer razão objetiva para que ela apresente esta baixa temperatura em suas extremidades. Recomenda-se, então, uma série de exames, cujos resultados mostram que nada está errado. Sequer há problemas de tireóide ou circulação, como pode ocorrer. Por fim, cercados todos os aspectos físicos do problema, chegou-se à conclusão de que esta alteração era "apenas" manifestação emocional. No caso, medo. Mesmo não havendo motivo objetivo para tal medo, Maria tinha uma razão subjetiva, fruto de conflitos em seus diálogos internos.

Da mesma forma que Maria, uma pessoa pode apresentar uma dor muscular na nuca e nos ombros, fazer exames, verificar que não é decorrência da sua postura corporal, embora na maioria das vezes prefira-se acreditar que esta seja a razão. Tais dores poderão ser manifestações de medo de responsabilidade, ou sentimento de culpa, decorrentes também de diálogos internos. Mesmo que em muitas ocasiões possam existir alterações orgânicas reveladas pelos exames, poderemos estar diante de manifestações emocionais que, pela sua gravidade e duração, chegaram a alterar a estrutura corporal.

Joana, uma mulher de 35 anos, tem

uma tremenda falta de autoconfiança: qualquer comentário discordante de seus pontos de vista atingem-na em cheio, fazem-na se sentir incapaz.

No trabalho, quando seu chefe a chama e pede que repare um erro ou corrija uma falha, Joana fica nervosa, tensa, seu pensamento se acelera. Seu chefe é uma pessoa tranqüila, sempre pede as coisas com calma, nunca foi autoritário, mas Joana entra quase em pânico cada vez que ele comenta seus erros. O fato de ele apontar uma falha, por menor que seja, funciona para Joana como uma crítica feroz, pois sempre imagina que toda a sua família es-

Mesmo que em muitas ocasiões possam existir alterações orgânicas reveladas pelos exames, poderemos estar diante de manifestações emocionais que, pela sua gravidade e duração, chegaram a alterar a estrutura corporal.

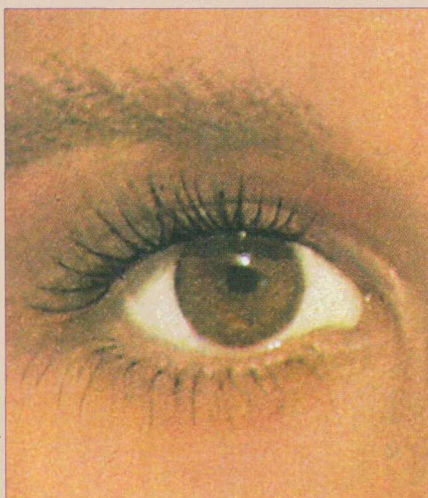


Foto: arquivo

teja ali reunida e lhe dizendo: "burra!".

O mais incrível é que seu chefe a tem em alto conceito, considera-a uma das melhores funcionárias da empresa. E Joana é competente, mesmo porque dedica-se com muita intensidade ao seu serviço, corrigindo várias vezes cada tarefa, pois até tem pavor de se fazer passar por "burra". Sua defesa contra seus diálogos internos leva-a a ser uma funcionária mais dedicada que as outras.

Ultimamente, Joana tem estado irritadiça, desconcentrada, cansada, com taquicardia e câibras. Joana está, sem perceber, entrando em estresse, sente-se sobrecarregada. O trabalho não aumentou, sua rotina continua a mesma, mas seus diálogos internos a ameaçam, a crença de que é incapaz consome muito de sua energia.

Para ela, então, qualquer gesto de insatisfação, de descontentamento, de seu chefe ou de qualquer outra pessoa, é tomado como uma cobrança ou como uma agressão. Joana não anda nada bem ultimamente, pois parece que o mundo está se voltando contra ela.

Vejam quanto os diálogos internos podem causar sobrecarga numa pessoa. Neste caso, por exemplo, Joana poderá vir a nutrir uma raiva contra o seu chefe, que sequer tem conhecimento do seu sofrimento pelas críticas.

Vamos imaginar que um dia seu chefe chegue ao trabalho com a expressão amarrada, tenso, irritado, pois está com algum problema particular. Se normalmente Joana se predispõe à tensão por uma imaginária cobrança, nesse dia ela poderá iniciar uma viagem mental, superpovoada por acusa->>>

SALADA VERDE

Ingredientes

Alface lisa, rúcula e queijo prato, em cubinhos

Molho

$\frac{1}{2}$ limão

1 dente de alho amassado ou bem picadinho

Sal a gosto, pimenta-do-reino em pequena quantidade, mostarda e azeite.



Modo de preparar

1. Mexa o molho e bata-o com um garfo. Experimente o tempero e coloque-o sobre a salada.

PICADINHO COM PEPINO EM CONSERVA



Ingredientes

800 g de coxão mole cortado em pedaços médios

60 g de pepinos em conserva

2 colheres/sopa de manteiga ou margarina

2 colheres/sopa de óleo

2 cebolas picadinhas

1 dente de alho picado

100 g de azeitonas sem caroços, cortadas em rodelas

1 colher/sopa de purê de tomates

Caldo-de-carne

$\frac{1}{4}$ de xícara/chá de creme de leite

Sal e pimenta-do-reino

1 lata de creme de leite

Modo de preparar

1. Leve ao fogo uma panela grande com a manteiga e o óleo; aqueça-os bem, junte a carne picada e frite-a de todos os lados, até dourar, virando-a com uma colher de pau.
2. Quando estiver dourada, tire a carne da panela e coloque-a em um prato, mantendo-a aquecida; em seu lugar, coloque a cebola e o alho, fritando-os por alguns minutos; acrescente os pepinos picados e as azeitonas.
3. Deixe pegar gosto por alguns minutos; adicione o purê de tomates, uma xícara/chá de caldo-de-carne e volte a carne para a panela, misturando-a bem com os outros ingredientes.
4. Tempere com sal e pimenta-do-reino a gosto; cozinhe em fogo baixo, por cerca de 1h30 ou até que a carne esteja macia, juntando caldo-de-carne sempre que for necessário.
5. Dez minutos antes de terminar o cozimento, junte o creme de leite, misture bem e termine de cozinhar, em fogo alto, para engrossar o molho.
6. Sirva bem quente, com arroz branco.

BOLO DE AVEIA

Ingredientes

$\frac{1}{2}$ xícara/chá de manteiga

1 xícara/chá de açúcar mascavo

1 xícara/chá de aveia em flocos

1 xícara/chá de farinha de trigo

1 colher/chá de canela em pó

2 colheres/chá de fermento em pó

4 ovos

$\frac{1}{4}$ de xícara/chá de leite

$\frac{1}{4}$ de xícara/chá de uvas passas, passadas em farinha de trigo (opcional).

Modo de preparar

1. Coloque todos os ingredientes numa vasilha, exceto as passas. Bata-os bem. Junte as uvas passas e misture.
2. Coloque a massa numa fôrma de 20 cm de diâmetro, untada. Asse-a em forno quente, pré-aquecido, por 35 minutos, ou até que, ao enfiar um palito, este saia limpo. Desenforme, ainda quente. Rendimento 12 fatias.

>>> ções e temores, achando que o seu chefe está insatisfeito com ela, com seu trabalho e pretende até demiti-la. Nessa viagem, poderão surgir sintomas físicos, atitudes indevidas, excesso de zelo e defesa, e inúmeros outros comportamentos compensatórios de sua in-

segurança. Dependendo do grau de envolvimento dela com seus diálogos internos, das características da relação com seu chefe, Joana poderá estar diante de uma simples crise momentânea ou até desenvolver uma grave doença. Inicialmente, seu diálogo interno auto-acusa-

dor tornou-a uma funcionária mais dedicada; depois, transformou-a em uma perseguida; adiante, em uma estressada; e finalmente, em uma mulher doente. (Continua no próximo número).



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.

Lamentação, por Jerusalém e seu Templo

Salmo 78 (79)

¹ *Salmo de Asaf.*

I – Vede, o que fizeram!

Ó Deus, gente estranha invadiu vossa propriedade!
Profanaram vosso Templo santo! Reduziram Jerusalém a ruínas.

- ² Abandonaram aos urubus os cadáveres de vossos servos,
a carne de vossos fiéis aos animais selvagens.
³ Derramaram o sangue deles como água nos arredores de Jerusalém,
e ninguém para os enterrar!
⁴ Somos uma vergonha para os nossos vizinhos,
escárnio e zombaria para quantos nos rodeiam.

II – Misericórdia de nós!

- ⁵ Até quando, Senhor?!... Será para sempre a vossa cólera?!
Arderá como fogueira viva vosso ressentimento?
⁶ Descarregai vosso furor sobre as nações que vos ignoram,
sobre os reinos que não invocam o vosso Nome:
⁷ foram eles que devoraram Jacó e devastaram suas moradias.
⁸ Não lembreis, contra nós, os pecados de outrora.
Venha logo a nosso encontro as vossa misericórdia,
porque estamos profundamente abatidos.
⁹ Ajudai-nos, ó Deus, salvador nosso, para honra do vosso Nome!
Livrai-nos e perdoai nossos pecados, pelo vosso Nome!

III – Mostrai a eles Quem sois!

- ¹⁰ Por que hão de dizer as nações “Onde está o seu Deus?”!
Demonstrai às nações e nossos olhos possam ver
a vingança do sangue dos vossos fiéis, que derramaram.
¹¹ Cheguem até vós os gemidos dos cativos.
Com vosso poder invencível livrai os sentenciados à morte.
¹² Sobre a cabeça dos nossos vizinhos recaiam, sete vezes mais,
os insultos com que vos insultaram, Senhor.
¹³ Então nós, que somos vosso povo e ovelhas de vosso rebanho,
haveremos de vos agradecer perpetuamente.
De geração em geração cantaremos vossas glórias.

CONSIDERAÇÕES

É

uma elegia. *Elegia* = poema triste, canto dedicado ao luto. Existem vários outros salmos ou trechos de salmos bem parecidos com este, no assunto, no motivo, no tom, nas expressões e até em palavras iguais. Por exemplo, o 43(44), 73(74). Todos refletem intensa lamentação por Jerusalém. Sentimento e clamor, aliás, que se verificam atualmente em toda a Humanidade, pelas atrocidades que “filhos da Promessa” (!) continuam a perpetrar na Terra Santa. Incurião, destruição, massacre, derramamento de sangue, profanação, soberba, ódio, incompreensão — tudo de injustificável e mau está acontecendo lá, e de maneira incomparavelmente mais horrível do que no Antigo Testamento. Ações desumanas, reações de brutos, não de seres racionais. E não caem na conta de que essa guerra já nasceu perdida.

Jerusalém em ruínas... Blasfêmia no ar... Profanado o Templo, o lugar mais sagrada da Terra e tão querido... É o que mais fere o coração! Dor que transcende a humilhação pessoal! Ao invadir a Herança de Deus, o Lugar Sagrado que o próprio Deus escolheu entre todas as regiões da Terra e doou ao seu povo de predileção, os infiéis profanaram, sujaram, conspurcaram a Casa de Deus! O profeta Jeremias chorou (Lamentações 1,10). Destruição... chacina... Prisioneiros em extrema desgraça e muitos eliminados... Também chorou o autor do Primeiro Livro dos Macabeus (7,17). Hoje, chora o Mundo ante a insensatez de dois povos irmãos que se entrematam. Contra tudo o que pedem as Divinas Letras, no Antigo Testamento. Contra tudo o que depois confirmou e ensinou o maior de todos os profetas, o manso Cordeiro de Deus, Jesus Cristo.

Em estilo agitado, emocionado, o salmista apela à misericórdia do Alto, em favor do povo fiel. E contra os opressores, ele invoca a intervenção divina. Não por motivos humanos, mera vingança — como acontece hoje no Oriente Médio —, e sim pelo que existe de mais nobre e mais verdadeiro em toda a tradição antiga e na tradição cristã: **Pela glória do vosso Nome!** Isto é, para que o mundo reconheça quanto és misericordioso e quanto poderoso és. Precisamente este o sentido da doxologia, pequenina e pre-

Religião cristã espalhados pelo mundo, como a maçonaria [camuflada até no próprio nome, que dizem deveria ser **massonaria** (com dois ss), porquanto originada entre os operários carregadores de **massa** para construção civil], a nova era, o masterplan, o clube dos 300 (clube de Roma), ... todos movimentos mundiais orquestrados com finalidade de difamar e perseguir o Cristianismo e destruí-lo e erradicá-lo da Terra para sempre.

Não vencerão!

mento estão longe do perdão de Cristo até 70 vezes 7 vezes (Mateus 18,22). Somente um Deus morrendo na cruz, para ensinar a perdoar aos inimigos! É compreensível a agressiva reação humana do salmista ofendido e humilhado, dado que naqueles tempos longínquos a concepção moral a respeito do perdão estava ainda muito longe da nobreza do cristianismo.

Na liturgia rabínica, os fiéis judeus recitam este salmo, como também o 136(137) no dia 9 do mês de Ab^o (julho-agosto), em memória da destruição do Templo pelos caldeus e pelos romanos. É também uma das orações para a tardinha da sexta-feira, junto ao “Muro das Lamentações”.

Nos versículos 2 e 3, visão tétrica, atroz, cruel! O pior destino humano era permanecer insepulto, presa dos abutres e urubus e gaviões e feras selvagens e vermes. Os vizinhos assírios e babilônios acreditavam que o espírito de cadáver não sepultado andava errante em busca de comida.

Eis como nosso poeta latino-americano Ernesto Cardenal lê e traduz para os dias de hoje o salmo 78 (*ele não usa sinais de pontuação*):



Igreja de Santa Ana, igreja construída durante o período cruzado. Construída sobre a cripta venerada como o local do nascimento da Virgem Maria e a casa de seus pais.

iosa oração que sobe ao Céu milhões de vezes por dia: **Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.**

Por *opressores, pagãos, gentios, nações, povos, infieis, gentes, adversários...* podemos e muitas vezes devemos entender os inimigos infernais da nossa alma, inimigos da nossa salvação. Satanás e seus sequazes é que nos tentam incessantemente e tudo fazem para nos desviar, devastar, incendiar, destruir, mediante atrativos mundanos e falsidades, a que muitas vezes nem conseguimos resistir.

Também os prepotentes inimigos da

Até quando, Senhor?! – Manifestai o poder do vosso braço, ó Deus! Senão, eles pensarão que os deuses deles são verdadeiros e zombarão do nosso Deus, único e verdadeiro Deus.

Numerosas imprecações e expressões de vingança, contidas o Antigo Testamento, não devem causar estranheza para quem sabe que ofensa ao justo fiel resulta em ofensa ao próprio Deus. Mesmo assim entendendo, as imprecações contidas no Antigo Testamento

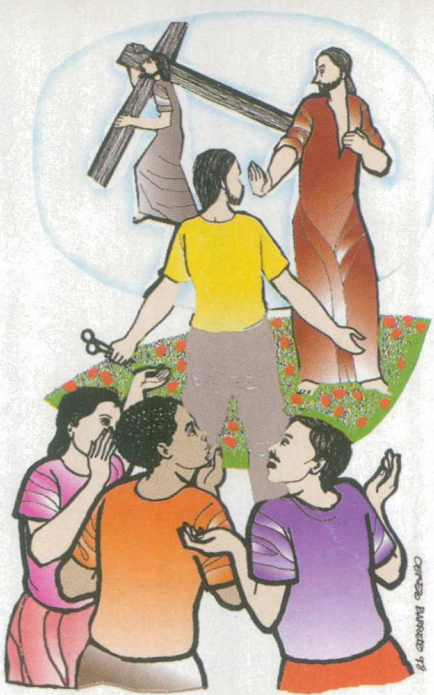
Ó Deus

**Jerusalém é um montão de escombros
O sangue de teu povo se derramou pelas ruas
e correu pelas sarjetas e se foi pelos esgotos
A propaganda se burla de nós
e estamos cercados por slogans de ódio**

**Até quando Senhor estarás irado conosco?
Arderá a tua fúria
como o fogo nuclear que não se apaga com água?
Por que escarnecerão os ateus: Onde está o teu Deus?**

**Cheguem a teus ouvidos os gemidos dos presos
e a prece dos condenados a trabalhos forçados
dos condenados à morte
e a oração feita no campo de concentração
E nós o teu povo te louvaremos eternamente
e te cantaremos de geração em geração**

Pe. José Fonzar é sacerdote, missionário Claretiano, especialista em estudos bíblicos. Revisor da tradução da 'Bíblia da Ave Maria'.



Entrega total a Deus

22.º domingo do Tempo Comum
1.º setembro

INTRODUÇÃO

Há duas mentalidades opostas: esperar a salvação pelo sucesso terreno ou esperar a salvação pelas mãos de Deus e a ele se entregar.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Jr 20,7-9

Há quem julgue poder alcançar a salvação pelo sucesso, pela fama e pelo aplauso fácil. Quem assim se ilude, organiza sua vida e programa as ações, para ganhar (!), dessa forma, o mundo inteiro.

Por outro lado, existem os que esperam a salvação das mãos de Deus e nele confiam inteiramente. Estes vivem na fidelidade à palavra de Deus. Aos olhos do mundo, porém, estão desperdiçando a vida e fadados ao fracasso.

Jeremias, chamado por Deus a enfrentar muitas dificuldades no ministério, queixa-se a ele. É que, para o profeta, seguir a Deus significaria obter sucessos e uma vida fácil, cômoda. Mas não foi isso que lhe aconteceu.

Identificamo-nos, sem dúvida, com os que querem seguir a Jesus. Mas é preciso muita humildade para não trairmos sua palavra. Ou seja, não podemos aceitá-la no plano teórico e depois esquecê-la na prática da vida.

Podemos, erradamente, celebrar a eucaristia, sem entrar em comunhão com Cristo e os irmãos; confessar os pecados, sem nos convertermos de fato. Corremos o risco de só aceitar uma parte da cruz de Cristo!

2.ª leitura Rm 12,1-2

Assim, as duas mentalidades não dividem os homens em duas categorias opostas. Podem conviver dentro da mesma pessoa. Pedro, por exemplo, estava pronto a confessar Jesus como o Messias, o Filho de Deus vivo mas, logo depois, tentava dissuadir Jesus a se afastar da cruz, conforme era vontade do Pai.

Paulo nos exorta a não seguirmos a lógica daqueles que põem sua razão de ser no sucesso, no dinheiro, na fama, na moda, etc. Estes acham que escolher a cruz é uma loucura e o sofrimento, um escândalo.

É muito fácil deixarmos-nos influenciar pela opinião pública. É preciso, portanto, ouvir o Espírito, na oração, a fim de sabermos distinguir entre o comportamento que agrada a Deus e o que é contrário à sua doutrina.

As primeiras palavras da leitura de hoje nos lembram que as solenidades litúrgicas do Templo tinham sido substituídas por nova maneira de louvar a Deus: o culto espiritual dos sacrifícios morais e físicos em prol dos irmãos.

Esta é também a condição para que os sacramentos que recebemos, a missa de que participamos não sejam desprovidos de valor. Se nossas liturgias não forem, a celebração de uma vida de amor aos irmãos, serão completamente sem conteúdo, simples exterioridade, não agradáveis a Deus.

Evangelho Mt 16,21-27

No evangelho de hoje, encontramos Pedro que raciocina como Jeremias e não quer aceitar um Messias sofredor e derrotado. Para ele, Jesus se afastava completamente da idéia que o povo de seu tempo fazia do Messias que deveria chegar: glorioso, vencedor, dominador terreno.

É fácil observar aqui o paralelismo com o evangelho do domingo passado. Quando Pedro ouviu a revelação do Pai, aceitou seu desígnio de salvação e professou sua fé em Jesus, tornou-se *pedra viva* da Igreja. Quando, pelo contrário, conforme o trecho de hoje, seguiu a maneira de pensar dos homens, tornou-se pedra que provoca o tropeço.

Jesus já tinha dito que nós, seus discípulos não lhe éramos superiores. Ora, se ele escolheu o caminho da cruz, ou seja, do dom de si aos irmãos, nós não devemos seguir por um caminho diferente.

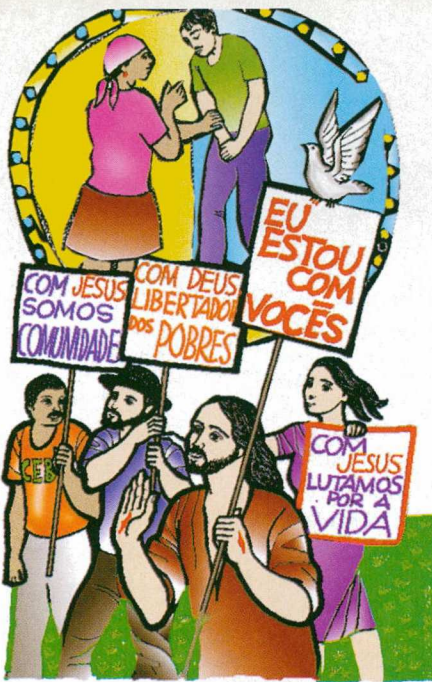
Daí, ele ter reafirmado: se alguém me seguir, deixe de pensar em si mesmo, renuncie a qualquer ambição e a qualquer egoísmo.

Quem doa a própria vida aos irmãos, na verdade não a perde, mas ganha. A vida deste mundo passa depressa, é transitória, frágil, precária, portanto, não vale a pena agarrar-se a ela como valor absoluto. A única coisa que nos restará, no final da vida, será o amor que tivermos sabido dar aos irmãos.

REFLEXÃO

Nossas escolhas estão em conformidade com o que Deus quer ou com o pensar dos homens? Nosso amor aos irmãos não será, às vezes, acompanhado pela esperança de conseguir alguma vantagem pessoal?

Fazemos o que "todo mundo faz" ou temos a coragem de seguir os valores evangélicos?



Corrigir é autêntica caridade

23.º domingo do Tempo Comum
8 de setembro

INTRODUÇÃO

Comunidade de amor é sempre reconciliação e correção fraterna. A união perfeita jamais é posse já adquirida; é conquista contínua, dom a explorar do alto pela oração.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Ex 33,7-9

A leitura de hoje compara a missão do profeta com a da sentinela. Ela é sempre o primeiro soldado a perceber o inimigo e tem por obrigação avisar disto os outros companheiros.

Na Igreja, todos nós somos profetas! Após o batismo, recebemos de Cristo a missão de disseminar a verdade. Por isso, em nossa comunidade, em nossas famílias, junto aos nossos companheiros, é nosso dever ajudar os irmãos a descobrir que determinados modos de pensar, certas experiências e escolhas não estão, às vezes, em conformidade com a vontade de Deus. Nesses casos, intervir, falar franca-

mente, alertar aqueles que estão correndo o perigo de afastar-se de Deus é autêntica caridade.

Mas a correção fraterna deverá ser processada com muita humildade e respeito pelo outro, pois, quem a faz também é falível. Corrigir um irmão significa, portanto, ajudá-lo a “crescer”, querer concretamente sua libertação daquilo que é defeituoso e mau.

Por isso, corrigir é obra de amor; nunca é extinguir entusiasmos; é coisa muito diferente da crítica. Dentro desta reflexão, o encorajamento deve acompanhar sempre a correção fraterna.

2.ª leitura Rm 13,8-10

Nada é tão estimulante como a atenção vigilante, o respeito, o elogio sincero. Quem erra deve sentir que lhe somos próximos, que entramos em contato com ele, percebemos que ele existe e lhe dizemos isso.

Ir ao encontro de quem erra é proceder como Cristo que foi em busca da ovelha desgarrada e não se furtava a sentar à mesa junto daqueles que eram considerados pecadores.

Paulo expõe um princípio geral que nos ajuda em situações de perplexidade. Quando não sabemos qual a melhor atitude a ser tomada, quando não temos certeza sobre as escolhas a serem feitas, é preciso tomar como ponto de referência o mandamento do Senhor: *Ama o teu próximo como a ti mesmo*. Ou seja, o que gostaríamos que nos fizessem se tivéssemos errado? Todos os demais preceitos dependem deste. Se procurarmos fazer sempre o que é bom para nossos irmãos, observaremos todos os mandamentos.

Evangelho Mt 18,15-20

A prática da Igreja primitiva indicava a seriedade do esforço da conversão dos irmãos que erravam, dentro de uma comunidade pequena, em que todos se conheciam. A conversão

pessoal a Deus deveria ser também reconciliação com os irmãos, evidenciada pelo rito da reintrodução na Igreja.

O vestígio daqueles gestos de readmissão dos pecadores na comunidade apenas se manifesta, hoje, no pedido de perdão no rito penitencial da missa e no abraço da paz, anônimo na maioria dos casos.

Dentro deste contexto histórico, pode-se compreender melhor a frase colocada por Mateus na boca de Jesus: *Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como gentio ou publicano*.

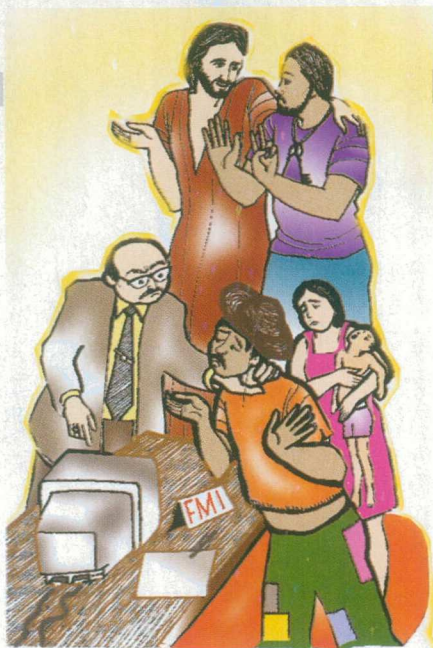
Com certeza a comunidade não tem o direito de expulsar um dos membros que se comporta mal somente pelo fato de que ela se sente humilhada com a sua presença. Afinal, ela não é um grupo de justos, de puros, de pessoas sem pecado, que exclui os que erram, portanto, não se pode sentir contaminada pelos pecadores: são seus filhos.

Por outro lado, não se pode negar que a Igreja tenha o direito e até o dever de pronunciar palavras de denúncia e de condenação. Poderá, por exemplo, calar-se diante daqueles que espalham idéias racistas, que incentivam o ódio, a discriminação, a violência, o abuso econômico, a guerra?

Deus não gosta dos que só pensam em si, que se fecham em sua própria vida espiritual. Ele quer encontrar um povo, quer relacionar-se com pessoas que vivam em comunidade. E não é preciso serem muitas. Basta haver duas pessoas reunidas em seu nome, para que ele esteja no meio delas.

REFLEXÃO

Cumprimos nossa missão profética de defender a verdade? Nosso ideal é sempre fazer o que seja bom para nossos semelhantes? Somos misericordiosos com os que nos ofendem? Perdoamos com facilidade, a exemplo do Senhor?



É preciso perdoar sempre!

24.º domingo do Tempo Comum
15 de setembro

INTRODUÇÃO

Ouve-se falar tanto de paz, de desarmamento, de solução pacífica das controvérsias internacionais, de cooperação mútua e auxílio aos povos em desenvolvimento, mas nada disso acontecerá se o perdão não começar, antes, em nossas vidas, em casa.

LEITURAS BÍBLICAS

1.ª leitura Eclo 27,33—28,7

Deus nos perdoa gratuitamente os pecados, quando lhe pedimos perdão e estamos dispostos a nos converter. Demonstra benevolência total e desinteressada para conosco. Não obstante todas as nossas misérias, ama-nos sempre, sem se cansar.

Esse é o fundamento que nos deve mover a ceder diante do irmão que nos pede perdão. Sem essa disposição interior, preces e sacrifícios nada valem.

No passado, o método para compensar as injustiças recebidas e para desencorajar alguém a repeti-las era

muito rápido; praticava-se a vingança com a maior violência possível: pagava-se o mal com outro mal maior.

Ensina-nos o texto da nossa leitura não só a superação da “lei do talião” (olho por olho e dente por dente!), mas a verdadeira antecipação da doutrina do “Pai-nosso” e do Sermão da Montanha. O autor procura fazer-nos entender que, quando se dá livre vazão aos instintos de vingança, não se alcança justiça e provocam-se outros males.

Concordamos que perdoar é a única atitude humana e cristã. Comovemo-nos com cenas de perdão. Mas, na prática, somos mesquinhos e pobres quando perdoamos. Guardar rancor ou esperar o momento azado para os “acertos de contas” mata os sentimentos de misericórdia. Sem estes, não podemos esperar o perdão de Deus. *Se alguém conservar rancor em seu coração contra outra pessoa, como se animará a pedir favores a Deus?* (v.3).

2.ª leitura Rm 14,7-9

Quem não perdoa, julga-se superior aos demais. O único que se poderia considerar assim seria Deus. Mas nem ele faz isso. Como diz o salmo 102, rezado após a 1.ª leitura, *Deus nunca nos trata conforme os nossos erros, nem nos devolve segundo as nossas culpas.*

Paulo fala, nos versículos anteriores, sobre as relações entre os cristãos de tradição diferente, que, precisamente por causa de sua diversidade, determinavam o pluralismo na expressão da fé. Ensina ser necessário respeitar a fé alheia.

Conclui com um princípio que nos ajuda a resolver qualquer diferença: tenhamos sempre presente que não vivemos para o próprio egoísmo, mas para o Senhor. Não nos assiste, portanto, o direito de julgar ou desprezar o irmão, porque pensa de um modo diferente do nosso!

Evangelho Mt 18,21-35

Esta parábola é a interpretação mais bela do quinto pedido do “Pai-nosso”: *perdoai-nos as nossas ofensas, assim como perdoamos aos que nos ofenderam...*

A parábola descarta a questão da quantidade de perdões e de sua frequência para se ater ao essencial. Existe enorme distância entre o coração de Deus e o nosso coração. Não há pecado algum que ele não perdoe, não há pecado que esgote seu amor.

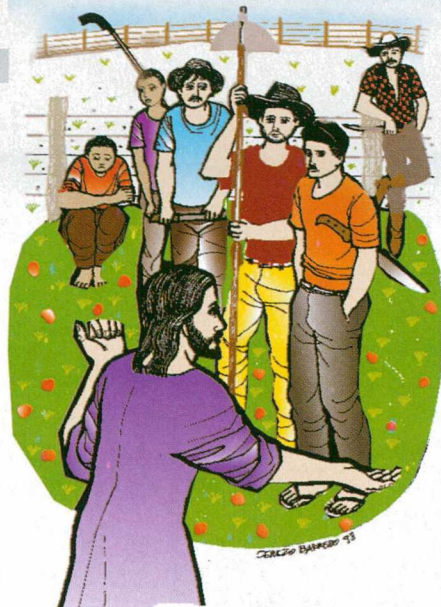
Em contraste com sua bondade inesgotável, não queremos tomar a iniciativa do perdão e, quando o fazemos, ficamos contando quantas vezes já perdoamos. Jesus nos ensina a perdoar como se não houvesse amanhã!

Perdoar quer dizer, também, abrir o coração para acolher quem errou, e não conservar rancor contra quem nos causou contrariedades. Significa também compromisso positivo para esclarecer o irmão sobre o erro que cometeu e ajudá-lo para que recomece a construir sua vida.

A última cena da parábola é dramática. Diante da forma com a qual o devedor tratou seu semelhante, o senhor, abatido, perde a paciência. Parece provar que um dia Deus exigirá o pagamento de quem se portou mal. Seria, porém, uma ingenuidade imperdoável considerar tal desfecho como uma descrição do comportamento de nosso Pai. Este recurso — tão ao gosto dos pregadores do tempo de Jesus, que queriam incutir medo nos ouvintes —, é totalmente contrário à doutrina do incansável amor de Deus.

REFLEXÃO

Qual deve ser nosso comportamento com aqueles que nos ofendem? Podemos nos vingar, pelo menos uma vez? Além de perdoar nosso irmão, ajudamo-lo a começar vida nova?



Lógica dos homens x lógica de Deus

25.º domingo do Tempo Comum
22 de setembro

INTRODUÇÃO

A palavra de Deus e seu juízo comportam radical inversão de valores em relação aos nossos: os primeiros são os últimos; felizes são os que choram; os verdadeiros ricos são os que abandonam tudo; perde a vida da alma quem quer salvar primeiro seus interesses materiais!

1.ª leitura Is 55,6-9

A mensagem central desta leitura é a do v.8: *meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e os meus caminhos não são os vossos caminhos.*

Alerta-nos sobre a tentação de querer rebaixar Deus ao nosso nível, pretendendo que ele pense como nós. Os seus pensamentos, ao contrário, são diferentes dos nossos.

Os hebreus sabiam que se encontravam exilados por não terem escutado a palavra de Deus. Diante disso nada mais esperavam, pois achavam que nunca mais Deus os perdoaria.

Mas estavam errados. Julgavam

que Deus era igual a eles, que se deixavam levar pela ira, pela vingança e não tinham disposição para esquecer o mal feito pelos irmãos.

É a mesma lei do reino de Deus que parece ser o paradoxo, o inédito, o inesperado. Jesus faz mais festa pela ovelha reencontrada do que pelas noventa e nove que ficaram a salvo.

Muitas vezes, ainda acreditamos, erradamente, num deus que em verdade, para nós, não é nada além de um homem, importante, inteligente, mas sempre um homem; contrata a salvação, oferece-a, mas cada um deve ganhá-la; avalia os méritos e os pecados, conserva anotações onde tudo está registrado e recompensa na proporção daquilo que cada um ganhou, exatamente com nós agimos!

A conversão não é só afastamento dos pecados, da corrupção moral. É muito mais. É a mudança de nosso modo de formar o conceito de Deus.

2.ª leitura Fl 1,20c-24.27a

A vida pública de Paulo foi iniciada com a perseguição aos cristãos. Todos fugiam dele e temiam-no por sua agressividade e intolerância. Não obstante isso, Deus o escolheu para ser um daqueles a quem ele perseguia, escolhendo Ananias para lhe impor as mãos!

Por muitos anos, trabalhou pela causa do Evangelho, suportou muitos sofrimentos e contrariedades. Agora, sentia-se bastante cansado e começava a pensar sempre com maior frequência no encontro definitivo com o Senhor Jesus, ao qual tinha dedicado sua vida, sem desânimo.

Desejava união total com Cristo e, ao mesmo tempo, queria torná-lo ainda mais conhecido. Eis o segredo de seu apostolado: *para mim o viver é Cristo.* Essa relação não seria perturbada pela morte, mas fortalecida.

Catequistas, pregadores da Palavra, animadores de comunidades, po-

demos afirmar, com o Apóstolo Paulo, que estamos unidos sempre a Cristo, como os galhos de uma árvore, presos à sua seiva vivificante?

Evangelho Mt 20,1-16a

Não podemos merecer nada diante de Deus. Dele, somente podemos receber dons e agradecer. Por que não nos alegrarmos se, um dia, mesmo quem tenha errado na vida, recebe de Deus o dom da salvação?

Esta parábola representa muito hoje também para nossas comunidades. Na Igreja, não deve haver aqueles que exigem mais porque chegaram antes. Todos somos iguais.

Acontece, às vezes, em nossas comunidades que alguém se julga “dono da situação e do lugar”. Nem trabalha nem deixa trabalhar; influencia a vida de todo o grupo e não permite que se tome iniciativa.

Na vinha do Senhor, trabalha-se gratuitamente, e não para se ter um salário maior. Não se pratica o bem em favor do irmão para se ter o direito a um prêmio no céu.

Seria egoísmo imperdoável servir-mos aos irmãos pobres e necessitados para acumular méritos diante de Deus. Devemos amar, desinteressadamente, como nosso Pai dos céus. A única atitude a ser tomada é como a da criança que não se prevalece de nenhum direito, não merece nada, tem sempre os olhos voltados para o pai e para a mãe, nos quais confia cegamente, esperando alegremente pelos seus presentes.

REFLEXÃO

Sabemos reconhecer os caminhos do Senhor, quando certos acontecimentos transtornam nossos planos? Meditando nos pensamentos do Senhor, abandonamos sentimentos mesquinhos, provocados pela ira e pela vingança?



Leituras litúrgicas das Missas – AGOSTO



17.ª semana do Tempo Comum

1.ª - quinta: Jr 18,1-6 = Na mão de Deus, como argila na mão do oleiro. Sl 145. Mt 13,47-53 = Parábola da rede de pesca: separações dos bons e dos maus.

2 - sexta: Jr 26,1-9 = Conflito entre Jeremias, as autoridades e o povo. Sl 68. Mt 13,54-58 = Jesus desprezado em Nazaré.

3 - sábado: Jr 26,11-16.24 = Jeremias, em nome de Deus, enfrenta a multidão. Sl 68. Mt 14,1-12 = Assassínio de João Batista.



18.ª semana do Tempo Comum

5 - segunda: Jr 28,1-17 = Conflito entre Jeremias e o falso profeta Ananias. Sl 118. Mt 14,22-36 = Jesus anda em cima da água; Pedro vacila.

6 - terça: *Transfiguração do Senhor.* Dn 7,9-10.13-14 = Suas vestes eram brancas como a neve. Sl 96. Mt 17,1-9 = O seu rosto resplandeceu como o sol.

7 - quarta: Jr 31,1-7 = Eu te amo com amor eterno. Cânt.: Jr 31,10-13. Mt 15,21-28 = Mãe cananéia implora a cura da filha: exemplo de fé!

8 - quinta: Jr 31,31-34 = Deus promete uma nova aliança. Sl 50. Mt 16,13-23 = Pedro declara sua fé em Jesus.

9 - sexta: Na 2,1-3; 3,1-3.6-7 = Ai da cidade sanguinária, cheia de violência! Cânt.: Dt 32,35-41. Mt 16,24-28 = Renúncia para seguir Jesus.

10 - sábado: *S. Lourenço, Diácono.* 2Cor 9,6-10 = Deus ama o que dá com alegria. Sl 111. Jo 12,24-26 = Se alguém me serve, meu Pai o honrará.



19.ª semana do Tempo Comum

12 - segunda: Ez 1,2-5.24-28c = Visão do carro divino — a glória de Deus. Sl 148. Mt 17,22-27 = Segundo anúncio da Paixão; Jesus paga o imposto.

13 - terça: Ez 2,8 — 3,4 = Missão amarga do profeta. Sl 118. Mt 18,1-5.10.12-14 = Questão de vaidade; a ovelha perdida.

14 - quarta: Ez 9,1-7; 10,18-22 = A glória de Deus vai abandonar o templo. Sl 112. Mt 18,15-20 = Correção fraterna; oração comunitária.

15 - quinta: Ez 12,1-12 = Bagagem do emigrante, símbolo da deportação que virá. Sl 77. Mt 18,21—19,1 = Parábola do servo cruel.

16 - sexta: Ez 16,1-15.60.63 = A esposa infiel. Cânt.: Is 12,2-6. Mt 19,3-12 = Contra o divórcio.

17 - sábado: Ez 18,1-10.13b.30-32 = Responsabilidade: cada um responderá por si. Sl 50. Mt 19,13-15 = Jesus e as crianças.



20.ª semana do Tempo Comum

19 - segunda: Ez 24,15-24 = Morte da esposa; não deplorar a ruína de Jerusalém. Cânt. Dt 32,18-21. Mt 19,16-22 = O jovem rico: dá o que tens, vem e segue-me.

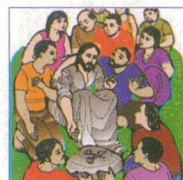
20 - terça: Ez 28,1-10 = Elegia ao rei de Tiro (lamentação). Cânt.: Dt 32,26-36. Mt 19,23-30 = Apego às riquezas impede a salvação; promessa do cêntuplo.

21 - quarta: Ez 34,1-11 = Oráculo contra os pastores infiéis. Sl 22. Mt 20,1-16a = Parábola dos operários da vinha.

22 - quinta: *Nossa Senhora Rainha.* Is 9,1-6 = Foi-nos dado um Filho. Sl 112. Lc 1,26-38 = Feliz aquela que acreditou.

23 - sexta: *Sta. Rosa de Lima, Virgem, Padroeira da América Latina.* 2Cor 10,17—11,2 = A virgem cuida das coisas do Senhor. Sl 148. Mt 13,44-46 = O Reino dos Céus.

24 - sábado: *S. Bartolomeu, Apóstolo.* Ap 21,9b-14 = Sobre os alicerces estão os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Sl 144. Jo 1,45-51 = Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento.



21.ª semana do Tempo Comum

26 - segunda: 2Ts 1,1-5.11b-12 = Deus vos faça dignos! Sl 95. Mt 23,13-22 = Acusações contra os escribas e os fariseus.

27 - terça: 2Ts 2,1-3a.14-17 = Conservai os ensinamentos que aprendestes. Sl 95. Mt 23,23-26 = Pagais o dízimo, mas, por dentro, estais imundos.

28 - quarta: 2Ts 3,6-10.16-18 = Conselhos diversos: oração e trabalho. Sl 127. Mt 23,27-32 = Escribas e fariseus: sepulcros caiados, assassinos dos profetas!

29 - quinta: *Martírio de S. João Batista.* Jr 1,17-19 = Levantar-te-ás e lhes dirás tudo o que eu te ordeno. Sl 70. Mc 6,17-29 = Quero que me dê num prato a cabeça de João Batista.

30 - sexta: 1Cor 1,17-25 = Sabedoria do mundo e loucura da cruz. Sl 32. Mt 25,1-13 = Parábola das cinco jovens prudentes e das cinco imprudentes.

31 - sábado: 1Cor 1,26-31 = O que há de humanamente desprezível, isso Deus escolheu. Sl 32. Mt 25, 14-30 = Parábola dos talentos.

Mamãe!



SEMPRE
QUE FOREM A UMA
RESERVA, JAMAIS SÃO
RETIREM QUALQUER COISA
DO LUGAR, NEM JOGUEM
LIXO, NEM FAÇAM FO-
GUEIRAS! A NATUREZA
DEVE SER RESPETADA
SEMPRE!

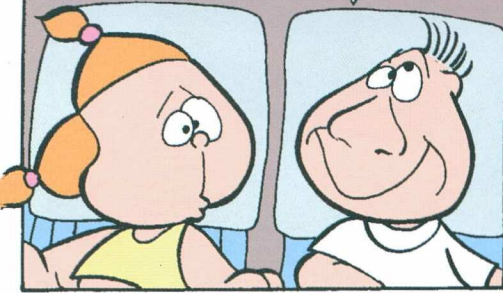




DEPOIS...

QUE PENA QUE ACABOU A EXCURSÃO!

EU JÁ TÔ COM SAUDADE DA CAPITÌ!



CHEGAMOS!

UÉ! GENTE! OLHA A CAPITÌ AÍ!

CLARO! ELA CHEGOU PRIMEIRO PORQUE O PARQUE ECOLÓGICO FICA AO LADO DA ESCOLA!

HA HA HA! QUE LEGAL, AMIGUINHA! AGORA VAMOS NOS VER SEMPRE!



VAMOS BRINCAR!

FIM



OS ÍNDIOS DIVIDEM TUDO E SÃO MUITO ALEGRES

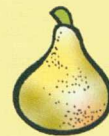
DESEMBARALHE OS NOMES E LIGUE-OS ÀS FRUTAS!

EPAR

ÃOMLI



XABIACA



LIGUE CADA UM AO LUGAR ONDE MORA

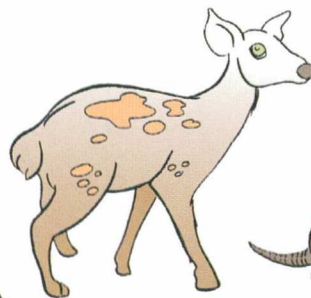


CAÇA-PALAVRAS



ENCONTRE OS NOMES DESTES ANIMAIS AMIGOS DOS ÍNDIOS!

C	B	A	T	U	O	M	N	Q	R	S	F	U
X	U	E	B	S	X	A	R	A	R	A	E	T
V	E	A	D	O	I	M	Q	S	F	B	L	A
K	A	J	M	Q	T	X	M	G	I	W	N	T
S	P	A	P	A	G	A	I	O	F	I	N	U
D	I	C	S	Z	N	I	A	M	G	L	G	M
Y	S	M	I	J	W	G	J	P	E	M	I	L



TATU
PAPAGAIO
ARARA
VEADO



revista Ave **MARIA**

PRIMEIRA REVISTA
CATÓLICA MARIANA
DO BRASIL

A revista **AVE MARIA** foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem. Você já pensou em dar de presente uma assinatura da **AVE MARIA** a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima?

O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, além de estórias e joguinhos infantis que ajudam a crescer nossas crianças.

Você sentirá satisfação em divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria por meio da revista. É muito fácil e simples fazer sua assinatura.

Ligue grátis de qualquer parte do Brasil:

0800-555-021 ou (11) 3666-2128

Ave **MARIA**

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS. (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

CORREIOS
Impresso especial
5406/01 DR/SPM
Ave Maria

**Leia e assine
a revista
Ave Maria**

Não perca esta oportunidade!

Entre em contato conosco pelo telefone:

0800-555-021

(grátis)

R\$ 25,00 (12 edições)

Novo endereço da Revista Ave Maria
na internet

www.avemariainternet.com.br

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.